



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Curso de Psicologia

Amor romântico: influências na constituição das identidades femininas

Jussara Helena Fraga dos Santos

Brasília - DF
Dezembro de 2014



Amor romântico: influências na constituição das identidades femininas

Jussara Helena Fraga dos Santos

Monografia apresentada à Faculdade de Psicologia do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB como requisito parcial à conclusão do Curso de Psicologia.

Professora-orientadora: Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Brasília - DF

Dezembro de 2014



Folha de Avaliação

Autora: Jussara Helena Fraga dos Santos

Título: Amor Romântico: Influências na Constituição das Identidades Femininas

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Professora-Orientadora

Prof^ª. Dra. Tatiana Lionço

Prof. Dr. José Bizerril Neto

Brasília - DF

Dezembro de 2014

*Dedico esta produção aos meus pais,
com todo o amor e gratidão.*

Agradecimentos

A finalização do Curso de Psicologia não seria possível sem o esforço e dedicação individual, mas também não seria possível sem a contribuição de algumas pessoas presentes em minha vida. Por esse motivo, agradeço a todos que estiveram ao meu lado nos últimos anos e que de alguma forma contribuíram para o fechamento exitoso desse ciclo em minha vida.

Porém, algumas pessoas merecem um agradecimento especial:

A minha mãe, que sempre expressou seu amor e paciência, seja nos meus momentos bons ou nos mais difíceis, dessa trajetória que só nós duas sabemos quantos percalços tiveram. Obrigada por ter lutado por sua vida e ter permanecido conosco! Obrigada, mãe!

Ao saudoso meu pai, que sempre priorizou a minha educação e o meu interesse por estudar, e principalmente, por ter inspirado em mim o interesse pela leitura ao vê-lo tão concentrado em seus livros nos seus tempos livres.

Aos Professores/as, que de alguma forma transformaram a minha forma de perceber o mundo.

Aos funcionários do UniCEUB, em especial, ao apoio e carinho de Dóris, Gustavo e Luciana (Cenfor).

Aos meus colegas de Curso, que compartilharam as dores e as delícias do crescimento, em especial agradeço a Diana Magalhães, pelos momentos de acolhimento recíproco, que são característicos das grandes amizades.

Agradeço a extrema compreensão dos colegas de trabalho, que entenderam o meu amor pela Psicologia, especialmente, aos meus superiores e ao amigo Emerson Marques, que supriu minhas ausências com carinho e competência.

Aos participantes que se disponibilizaram em contribuir para o desenvolvimento do conhecimento.

Por fim, a minha Professora Orientadora Ana Flávia, que além de sua paciência e competência, foi uma constante inspiração através do seu incentivo e confiança na capacidade de seus orientandos/as. Você é um exemplo do verdadeiro significado de ser professor/a. Obrigada Professora!

*“El velo semitransparente del desasosiego
Un día se vino a instalar entre el mundo y mis ojos.
Yo estaba empeñado en no ver lo que ví, pero a veces,
La vida es más compleja de lo que parece (...)”*

(Trecho da música *La Vida Es Más Compleja de Lo Que Parece*, de Jorge Drexler)

Sumário

Introdução	1
1. Processos identitários e Preconceitos enquanto Construções Culturais	6
1.1. Psicologia Cultural: Noções Básicas	6
1.2. A Construção Social e Cultural das Identidades de Gênero	9
1.3. Preconceitos: Masculino e Feminino	14
2. Poder e Controle: Contribuições de Michel Foucault	16
2.1. Os Micropoderes: Análise Ascendente do Poder	16
2.2. Mecanismos de Controle Social nas Relações de Gênero	19
3. Controle Social do Feminino: O que o Amor tem a ver com isso?	23
3.1. Amor Romântico: Uma Breve História	24
3.2. A Influência do Amor Romântico na História da Família	26
3.3. O Amor Romântico na Contemporaneidade	28
3.4. Famílias Brasileiras: a Idealização dos Modelos Tradicionais Prevalece	30
3.5. Novas Formas de se Relacionar: Consigo e com o Outro	32
3.6. O amor Romântico e a Clínica: Obrigação de Amar, Solidão e Sofrimento Psíquico	34
4. Metodologia	36
4.1. Participantes	37
4.2. Materiais e Instrumentos	38
4.3. Procedimentos de Construção de Informações	49
4.4. Procedimentos de Análise	41
5. Resultados e Discussão	43
5.1. Amor Romântico, Feminilidades e Masculinidades	43
5.2. Amor Romântico: Os Vínculos e a Experiência de Solidão na Perspectiva dos/as Participantes	51
5.3. Mecanismos de Exclusão das Mulheres que Escapam ao Padrão de Feminilidade Hegemônica: “Deus fez o homem e a mulher”	55
6. Considerações Finais	61
7. Referências Bibliográficas	65
ANEXOS	70
Anexo A – Instrumentos de Pesquisa: Música	71
Anexo B – Instrumentos de Pesquisa: Roteiro de Entrevista	73
Anexo C – Instrumentos de Pesquisa: Imagens Seleccionadas	75
Anexo D – Instrumentos de Pesquisa: Perguntas sobre as Imagens	77
Anexo E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	78

Anexo F – Questionário Sociodemográfico	81
Anexo G – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB	82

Resumo

O amor romântico, muitas vezes, é percebido no cotidiano como um sentimento natural e ahistórico. Este estudo buscou privilegiar a concepção desse sentimento como um fenômeno sócio-histórico-cultural, ao mesmo tempo em que discutiu sua importância na constituição nas identidades femininas. O objetivo geral traçado para a pesquisa foi investigar em que medida o amor romântico se configura como mecanismo de controle social das mulheres na contemporaneidade. Com relação à metodologia, optou-se pela pesquisa qualitativa, com a realização de seis entrevistas individuais semiestruturadas compostas de perguntas e de apresentação de imagens previamente selecionadas. O roteiro de entrevista foi planejado visando identificar nos discursos dos/as participantes crenças e concepções relevantes para o tema pesquisado. Os resultados apontaram que os entrevistados/as percebem o amor como uma força motriz, que motiva o ser humano na busca de realização de projetos de vida. A família foi considerada a instituição basilar da sociedade, com o casamento e a maternidade sendo percebidos como importantes na vida das mulheres. Foi possível identificar que os temas relacionados à família e ao casamento são compreendidos e pensados com um forte viés religioso e moral, com manifestações de sentimentos de intolerância e estranheza em relação àqueles/as que escapam ao padrão de heteronormatividade, aos que optam pelo não-casamento e pela não-maternidade. A pesquisa indicou que, não apenas as feminilidades, mas também, as masculinidades são influenciadas pela expectativa do amor romântico.

Palavras-chave: identidades de gênero, amor romântico, família, relações de poder.

Introdução

O amor é um sentimento que se manifesta de diversas formas e com os mais diversos objetos de amor possíveis, sejam eles, pais/mães, filhos/as, amigos/as ou namorados/as. O foco nesse estudo foi o amor romântico, que, no senso comum, é tido como um sentimento em que a razão não tem vez. Popularmente definido como um tipo de afeto com ‘razões (causas) que a própria razão (racionalidade) desconhece’, é um sentimento percebido como mobilizador do lado mais passional do ser humano, como se o amor fosse um fenômeno natural, fora de contextos históricos e culturais específicos.

A pesquisa parte do reconhecimento que o amor romântico não é um “instinto natural” do ser humano, mas um fenômeno social (Costa, 1998), e como tal, não pode ser compreendido, de forma mais aprofundada, dissociado da historicidade e do contexto cultural em que ocorre.

A presente pesquisa abordou o modo como a aspiração pelo amor romântico pode influenciar na constituição das identidades femininas, em um cenário em que o masculino é percebido, frequentemente, como hierarquicamente superior e central em relação ao feminino. Vivemos em um mundo que, em muitos contextos, desautoriza a mulher a se manifestar no espaço público, bem como a desvaloriza quando desacompanhada de uma figura masculina.

Nessa direção, muitas vezes, a mulher desacompanhada de uma figura masculina pode ser vista como desprotegida e incompleta, associando-se o vínculo amoroso a um símbolo de felicidade e sucesso para a mulher. Por outro lado, o “estar só” torna-se sinônimo de sofrimento e fracasso. Assim, a tirania da necessidade de estar acompanhada de um homem exclui e marginaliza muitas mulheres no espaço social, tais como: mulheres solteiras, separadas ou divorciadas, viúvas e lésbicas.

Nesse momento, torna-se importante frisar que, no atual momento histórico, se misturam as mais diversas formas de ligar-se amorosamente à outras pessoas. Essas possibilidades de relacionar-se compõem um espectro que vai desde as formas mais conservadoras até as mais livres. Dessa forma, qualquer generalização que tente descrever de formas universalizantes como os relacionamentos afetivos são construídos e vivenciados torna-se deformadora e superficial. Por isso, cabe ressaltar que a presente pesquisa interessou-se, principalmente, em analisar os resquícios patriarcais que ainda fazem parte dos relacionamentos afetivo-sexuais na atualidade e refletem na constituição das identidades de gênero.

Feita essa ressalva, o estudo buscou analisar a forma como as identidades femininas são constituídas, partindo-se de uma percepção de que às mulheres é conferido um papel historicamente coadjuvante, que orbita ao redor do universo masculino. Uma mulher que, em nome do amor, pode fazer da figura masculina o centro de sua atuação social e o principal propulsor para a realização de projetos existenciais. Nesse sentido, o amor assume um importante papel normatizador na atualidade, na medida em que os projetos de vida de muitas mulheres são construídos em torno de encontrar alguém a quem amar, de constituir uma família e da maternidade.

Apesar de o amor é um sentimento perseguido por muitos/as, independente de serem homens ou mulheres, a pesquisa priorizou enfocar a forma como as identidades femininas vão se constituindo em termos de crenças, valores, comportamentos, projetos de vida e investimento pessoal com o objetivo de agradar o outro e atrair para si esse tão desejado sentimento. Esse contexto revela que muitas mulheres buscam ser para o outro o objeto do amor do outro, ou seja, ser “escolhida” para ser amada. Com base nisso, cabe o questionamento sobre se o amor romântico, em sua atual concepção, poderia se

configurar em uma espécie de mecanismo de controle social na constituição das identidades femininas.

Diante da possibilidade de se investigar tantos outros temas, indaga-se qual a relevância ou como se deu a escolha em estudar a influência do amor romântico na constituição das identidades femininas? Ou ainda, quais relações existentes entre uma visão androcêntrica de mundo e a percepção atual de que para ser feliz uma mulher precisa estar acompanhada de um homem? O amor romântico poderia ser utilizado como um mecanismo de controle social da mulher?

O interesse pelas questões de gênero foi despertado por ocasião da participação da pesquisadora no projeto de pesquisa guarda-chuva da Professora Ana Flávia do Amaral Madureira, na disciplina de Estágio Básico II. O Projeto Guarda-Chuva é intitulado “Identidades sociais, diversidade e preconceito”. Na sua 1ª vertente de estudo, o projeto focalizava os processos identitários relativos à construção de diferentes identidades sociais, com especial atenção em relação aos aspectos culturais e afetivos envolvidos. A pesquisa desenvolvida teve como temática a vaidade feminina e como o cuidado de si pode provocar desdobramentos nos relacionamentos amorosos

A iniciação no campo da pesquisa despertou um olhar mais crítico para questões naturalizadas no cotidiano e desse novo olhar sobre o mundo veio à tona a curiosidade da pesquisadora ao observar que, em reuniões familiares e em outros círculos sociais, dedica-se muita atenção à vida afetiva e sexual dos indivíduos em geral, muitas vezes lançando-se perguntas, tais como: “...e aí, já casou?” ou “já está namorando?”. Mas, no caso específico das mulheres o tema se torna mais delicado em face da percepção de uma expressão de certa preocupação e até mesmo de “pena” que surge no rosto dos/as interlocutores/as seguida de palavras de consolo e encorajamento quando a resposta é negativa. Ou seja, como pode uma mulher ficar sem a companhia e a proteção de um

homem? Afinal, não foi para isso que as mulheres foram criadas, para se casar e ter filhos? É isso que surge de diálogos no cotidiano, mas sob o ponto de vista científico, como esses pensamentos foram formados e se mantêm?

Diante desses fatos observados na vida cotidiana, cada vez mais se manifestou na pesquisadora o interesse em investigar cientificamente o motivo de uma mulher sozinha ser percebida como incompleta, desprotegida, abandonada, marginalizada, indigna de respeito, sem voz e, muitas vezes, uma cidadã de segunda categoria.

Quanto ao questionamento sobre as relações existentes entre a lógica androcêntrica e a imposição de se estar em um relacionamento amoroso, percebe-se que o fato de elevar a figura masculina ao centro do mundo feminino traz diversos desdobramentos, o principal deles é a possível internalização do modelo de mulher frágil, maternal e que nasceu para ser amada, pois essa visão acaba tornando-se responsável pela forma com que as mulheres constituem as suas feminilidades, reforçando sua posição, historicamente, periférica na sociedade brasileira.

A ordem social estabelecida espera que uma mulher deve possuir uma figura masculina ao seu lado para protegê-la, que o homem seja a figura mais forte, que o homem seja o “cabeça” de um casal, que as atividades mais nobres sejam atribuídas ao homem, inclusive no contexto de um relacionamento afetivo-sexual. Essas regras socialmente transmitidas e cristalizadas fazem com que muitas mulheres façam desses estereótipos associados à masculinidade um modelo a ser perseguido na busca do companheiro ideal, o que pode conduzir a possíveis frustrações.

Essa inquietação da pesquisadora motivou a realização do presente estudo que definiu como problema a ser investigado: em que medida o amor romântico, em sua atual concepção, pode ser utilizado como um mecanismo de controle social da mulher?

Cabe esclarecer que essa investigação não se deu como uma tentativa de apontar um “vilão” para o possível controle social que atinge as mulheres na área afetivo-sexual, mas como uma forma de compreender, de modo mais aprofundado, os mecanismos envolvidos nesse processo. Principalmente, quando se parte de uma concepção de que os mecanismos de controle são construídos por grupos, em determinadas momentos históricos, e posteriormente, podem ser legitimados e mantidos de formas bem mais amplas (Foucault, 1996), o que se configura em um processo bem mais complexo do que simplesmente a atribuição de culpas a um possível “carrasco”.

São apresentados, a seguir, os objetivos da pesquisa:

Objetivo Geral

- Investigar em que medida o amor romântico se configura como mecanismo de controle social da mulher na contemporaneidade, mediante a realização de entrevistas individuais semiestruturadas com a apresentação de imagens previamente selecionadas.

Objetivos específicos

- Identificar as relações existentes entre a concepção de amor romântico e a constituição das identidades femininas;

- Investigar os mecanismos de controle sutis que atuam sobre a mulher envolvendo o amor romântico;

- Analisar os mecanismos de exclusão das mulheres que não se enquadram no padrão da feminilidade hegemônica.

1. Processos identitários e Preconceitos enquanto Construções Culturais

Nessa seção serão abordados os processos de constituição das identidades e como as crenças e valores que permeiam uma determinada sociedade são transmitidos, partindo da perspectiva teórica da Psicologia Cultural.

1.1. Psicologia Cultural: Noções Básicas

Para entender a perspectiva da Psicologia Cultural, há que se conhecer, minimamente, o conceito de cultura e, de forma especial, nos interessa o conceito semiótico adotado por Clifford Geertz. O autor, citando Max Weber, afirma que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (p. 4), e desta forma, entende a cultura como “sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (...) ela [cultura] é um contexto, algo dentro do qual eles [acontecimento sociais, comportamentos, instituições e processos] podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade” (Geertz, 2008, p. 10).

Por essa visão, é possível perceber que os fatos sociais, os comportamentos, os processos, as crenças e as concepções não podem ser compreendidos se não forem decifrados e interpretados de acordo com os significados que seus próprios grupos lhes conferem. Nesse aspecto, a cultura se assemelharia, metaforicamente, a um “texto” ou um “discurso”, na qual uma palavra isolada do seu conjunto não faria sentido. Para o autor, o primordial da abordagem semiótica da cultura é instrumentalizar o pesquisador/a para acessar ao universo de significados do sujeito, tornando possível atribuir sentido às suas ações, processos e concepções (Geertz, 2008).

Após uma básica apresentação do conceito semiótico de cultura, passamos a Psicologia Cultural, que se trata de uma proposta teórica que consiste, em linhas gerais, em “uma síntese criativa da epistemologia genética de Piaget e da perspectiva histórico-cultural de Vygostsky e colaboradores” (Valsiner, 1994, citado por Madureira, 2007, p. 20). A contribuição de Piaget refere-se à concepção de sujeito como ativo em seu processo de desenvolvimento, enquanto a perspectiva histórico-cultural contribui com a noção da importância da cultura no processo constituição do sujeito.

Cultura, na perspectiva da Psicologia Cultural, “pode referir-se à mediação semiótica (por signos), que é parte do sistema das funções psicológicas organizadas” (Valsiner, 2012, p. 28). As funções psicológicas organizadas podem se dar no nível intrapessoal, tais como: pensar, sentir, lembrar, memorizar, amar, etc.; ou no nível interpessoal, como por exemplo: dialogar, lutar, beijar, etc. As funções psicológicas humanas não podem ser consideradas de forma apartada da cultura, pois é esta que dá sentido ao pensar, sentir, dialogar, lutar ou amar. Para Jaan Valsiner (2012), a cultura está dentro do sujeito, está fora dele e está presente nos processos de internalização/externalização que recria a realidade no fluxo irreversível do tempo.

A Psicologia Cultural preconiza que há uma interrelação entre sujeito e contexto que segue em uma via de mão dupla, em um processo de retroalimentação constante. Nessa visão sistêmica de cultura, o conteúdo recebido pelo sujeito de seu ambiente é processado e devolvido ao ambiente criativamente modificado. Nesse processo, tanto sujeito quanto cultura são transformados.

Nesse sentido, o sujeito participa ativamente da construção da cultura, influenciando e sendo influenciado pela dinâmica cultural. O indivíduo contribui, em algum grau, com a transformação do que apreende e o que transmite ao seu ambiente cultural, não sendo um mero espectador e reproduzidor passivo das mensagens que recebe

e repassa. Essa forma de compreender a transmissão cultural é chamada de *modelo de transmissão cultural bidirecional* (Valsiner, 2012), que consiste, basicamente, na concepção de que:

(...) todos os participantes no processo de transmissão cultural estão ativamente transformando as mensagens culturais (Valsiner, 1994; Valsiner, Branco & Dantas, 1997). Emissor e receptor organizam e reorganizam ativamente a informação cultural de forma que a cultura se encontra continuamente em transformação mediante a ação de todos os participantes da experiência social (Martins & Branco, 2001, p. 171)

As produções culturais de um grupo não partem do zero, não é necessário “reinventar a roda” a cada geração. Há, portanto, um processo de continuidade na produção do conhecimento e isso é possível através da transmissão cultural (Valsiner, 2012). Entretanto, a herança cultural não é “absorvida” pelo sujeito de uma maneira passiva, mas se caracteriza por uma permanente tensão entre a manutenção da estabilidade e a transformação (Madureira, 2007).

Nesse sentido, a Psicologia Cultural, apresenta a cultura, também, como um dispositivo que possibilita o distanciamento psicológico do aqui-e-agora. As pessoas podem, mesmo continuando inseridos em um contexto social, distanciar-se dele, por meio da mediação semiótica. Esse distanciamento permite considerar passado, futuro e a perspectiva de outras pessoas. O processo de distanciamento psicológico possibilita um constante processo de ação e reflexão sobre o contexto social vivenciado no aqui-e-agora (Valsiner, 2012).

A dinamicidade do sujeito também é ressaltada pelo autor da seguinte forma:

Portanto, a pessoa social – um ser subjetivo dentro de um contexto social – está constantemente agindo dentro de uma gama de possibilidades abertas por seu papel ou norma social. Além disso, empenhando esforços para reorganizar seus papéis sociais desafiando os próprios limites. A teia social é constantemente construída por ações coletivas de indivíduos, que passam então a destruí-la de forma a poder reconstruí-la sob modalidades novas. As transições na ordem social advêm das violações pessoais orientadas para metas e com significado, as quais podem acarretar terríveis consequências. Ainda assim os vínculos que sustentam a coesão social estarão sendo modificados, tanto no domínio social quanto no pessoal (Lawrence, Benedikt e Valsiner, 1992, citado por Valsiner, 2012, p. 79).

Nesse aspecto, percebe-se que as pessoas não estão estaticamente situadas em seus contextos sociais, mas encontram-se em constante movimento, podendo vivenciar posições no presente diferentes de sua trajetória no passado, rumo ao futuro (Valsiner, 2012). Bosch (1997, citado por Valsiner, 2012) percebe as pessoas em um constante movimento entre o “estranho” e o “familiar”, com movimentos de aproximação (*Heimweh*) e afastamento (*Fernweh*), em relação a esses contextos.

1.2. A Construção Social e Cultural das Identidades de Gênero

O conceito de identidade, no senso comum, pode resumir-se a aquilo que se é, uma forma positiva de descrever. Porém, identidade é um conceito relacional que traz implícito uma série de negações. A afirmação da identidade traz em si a marcação da diferença. Nesse aspecto, identidade e diferença são concepções interdependentes e complementares (Silva, 2000).

Woodward (2000) é um/a dos/as autores/as que entendem que é na cultura que a identidade é construída. Os contextos culturais disponibilizam aos seus/suas participantes uma série de identidades possíveis, que são construídas com base nas relações sociais existentes. Galinkin e Zauli (2011), também entendem que a identidade refere-se ao que uma pessoa é. Ao mesmo tempo em que reflete a singularidade de um indivíduo, a identidade insere-o em um grupo com características semelhantes. Além de ser um mecanismo de identificação entre semelhantes, o conceito de identidade traz em si a existência de diferenças e oposições.

A vinculação dos indivíduos a grupos sociais específicos ocorre por meio de processos identitários, em que os indivíduos constroem suas identidades sociais com base na cultura, na história e na memória coletiva, com valores compartilhados pelo grupo social. Todo esse processo cria um sentimento de pertencimento a determinados grupos sociais e diferenciação com relação aos demais grupos (Madureira, 2008).

Madureira (2000, citado por Madureira, 2007) apresenta duas funções importantes das identidades sociais:

(a) vinculam o sujeito singular aos grupos sociais, na medida em que os processos identitários estão relacionados à construção de sentimentos de pertencimento a determinados grupos presentes na sociedade; e (b) funcionam como coordenadas culturais que orientam, de diferentes formas, a constituição da subjetividade (p. 62).

Desse modo, percebe-se dessas colocações, que as identidades se configuram a partir de diferentes mecanismos: constituição da singularidade, vinculação a grupos de pertencimento e diferenciação dos demais grupos.

Stuart Hall (2001), em um interessante estudo, apresenta as mudanças ocorridas na visão de “homem” no decorrer da história e suas implicações nas identidades culturais, ressaltando que tal estudo trata-se de um esboço aproximado para explicar um processo bem mais complexo. O autor apresenta a trajetória do sujeito moderno, cuja identidade era percebida como plenamente unificada, estável e coerente, para o sujeito pós-moderno, caracterizado por identidades abertas, fragmentadas, contraditórias e inacabadas. Hall (2001) apresentou uma série de acontecimentos que contribuíram para essa trajetória de descentramento da identidade do sujeito, que são:

- Primeiro descentramento: pensamento marxista de que o homem não é um agente absoluto da história, mas lida com uma liberdade limitada para a sua atuação na história;

- Segundo descentramento: a concepção do inconsciente apresentada por Freud, que trouxe a ideia de que existem processos que se encontram fora da lógica e da racionalidade, apresentando um sujeito que se constitui gradualmente no processo de interação com o outro, contrapondo-se a ideia de um sujeito que traz uma essência inata;

- Terceiro descentramento: a contribuição do linguísta Ferdinand Saussure de que o sujeito não é autor de suas “falas” e do que essas significam, mas nasce em um contexto cultural em que a língua preexiste ao sujeito, que se trata de um sistema social e não individual;

- Quarto descentramento: decorre da concepção de Michel Foucault do “poder disciplinar”, que dociliza o sujeito através do controle e da vigilância;

- Quinto descentramento: verifica-se o advento do feminismo e outros movimentos sociais que ocorreram a partir da segunda metade do século XX, como os movimentos estudantis, por liberação sexual e pela paz.

Esse quinto descentramento, apresenta especial importância para a presente pesquisa, no sentido de que os movimentos feministas, trouxeram para a pauta social questões como família, sexualidade, divisão doméstica do trabalho, os cuidados dos/as filhos/as, enfim, as questões das identidades de gênero e relações de gênero (Hall, 2001).

De tudo já debatido, entende-se que as identidades sociais, e entre essas as de gênero, ocorrem inseridas em um contexto histórico-cultural específico e é compartilhada com o grupo de referência. Assim, desde muito cedo, as identidades de gênero começam a ser construídas a partir de diversos artefatos culturais que estão no entorno do indivíduo, em suas dimensões materiais ou simbólicas, como, por exemplo, com a escolha da cor do enxoval do bebê que está por nascer, os brinquedos que receberá para brincar ou a construção social de que meninos não choram.

Diversas instituições sociais participam na influência da constituição das identidades de gênero, tais como: escolas, igrejas, família. Com relação ao controle exercido na área educacional, Guacira Lopes Louro (2013) ressalta que a escola contribui fundamentalmente para a construção das diferenças entre os gêneros da seguinte forma:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos (p. 62).

Situações equivalentes são identificadas em outras instituições sociais, com expectativas de adequação dos comportamentos e modos de existir ao que é ser mulher e ser homem. Com relação aos espaços e limites ocupados por cada gênero na sociedade,

Madureira (2007) destaca que existem limites simbólicos que estabelecem os espaços do que é considerado masculino ou feminino. A definição do que é permitido ou proibido a cada gênero em um determinado contexto cultural abre espaço para relações desiguais e hierárquicas entre os gêneros.

A aspiração pelo amor, também, não escapa a essa constante sugestão para que homens e mulheres exerçam os papéis que deles são esperados. Nesse sentido, o amor influencia a construção das identidades de gênero. As identidades femininas são influenciadas pelos projetos de casamento e maternidade, e vinculadas aos estereótipos de delicadeza e de cuidadora.

Muitas vezes, a expectativa de ser amada e encontrar um par tem grande influência na vida das mulheres, que dedicam investimento pessoal para desenvolver atributos que são valorizados no “mercado matrimonial”, como por exemplo, os cuidados com o corpo e a beleza. Pode ocorrer de mulheres abrirem mão de outros projetos pessoais em busca de sua oportunidade de amar, relegando-se a uma posição de desigualdade e inferioridade em relação ao homem (Lins, 2012b).

Silva (2000) entende que identidades e diferenças estão estreitamente ligadas às ideias de divisão e classificação em grupos, o que, em última análise, aponta para a hierarquização. Em especial, o autor cita as classificações que tratam das oposições binárias, tal como masculino e feminino. Quando isso, geralmente, um grupo é privilegiado, recebendo valores positivos, enquanto o outro grupo recebe uma carga negativa em relação aos seus atributos (Derrida, 1991, citado por Silva, 2000). Por fim, essas hierarquizações entre masculino e feminino acabam por abrir espaço para os preconceitos e suas formas de manifestação.

1.3. Preconceitos: Masculino e Feminino

Vale a pena reafirmar a importância da cultura nos processos identitários e também na gênese dos preconceitos. Para Benedict (1972, citado por Laraia, 2006), a cultura pode ser comparada a uma lente através da qual o ser humano percebe o mundo. Pessoas diferentes e grupos diferentes tendem a perceber a realidade de forma diversa por enxergarem o mundo a partir dos seus próprios valores e crenças. Isso leva o indivíduo a acreditar que os seus padrões são mais corretos que os adotados por outros grupos, reagindo negativamente ao “estrangeiro”. Essa visão autocentrada de mundo é denominada etnocentrismo e é a base para o nascimento de preconceitos, intolerância, comportamentos discriminatórios e conflitos sociais (Laraia, 2006).

Porém, o tratamento discriminatório ocorre, inclusive, dentro de um mesmo contexto cultural, levando-se em consideração que, segundo Laraia (2006), nenhum indivíduo é capaz de participar de todos os contextos de sua cultura, sendo que, existindo elementos impróprios tanto para membros femininos quanto masculinos em um contexto cultural.

Sobre o feminino percebido como algo inferior, observam-se várias visões no decorrer da história, que apresentam a mulher como uma versão desqualificada do masculino. Aristóteles apresenta a concepção da mulher como formada por uma substância inferior àquela que forma o homem (Sissa, 1990, citado por Barbosa, 2007). Segundo Laqueur (2001), Aristóteles (384-322 a.C) apresentava a ideia da mulher como formada por uma substância inferior àquela que forma o homem (Sissa, 1990, citado por Barbosa, 2007). Segundo Laqueur (2001), Aristóteles (384-322 a.C) e Galeno (129-217) consideravam os órgãos sexuais femininos como versões menos desenvolvidas e invaginadas dos órgãos sexuais masculinos. Para Platão (427-347 a.C.), o feminino surgiu

como uma quebra na perfeição inicial do modelo masculino, uma espécie de “defeito de fabricação” (Sissa, 1990, citado por Barbosa, 2007). Já Freud (1856-1939) defendia a condição feminina como um sujeito faltante em sua inveja do pênis (Perrot, 2007).

As desigualdades e relações hierárquicas com a superioridade preconcebida de alguns grupos em detrimento de outros podem ser mantidas, também, pelo preconceito. Os preconceitos podem ser definidos como “(...) *fronteiras simbólicas rígidas, construídas historicamente e com forte enraizamento afetivo que acabam por se constituir em barreiras culturais entre grupos sociais e entre indivíduos*” (Madureira, 2007, p.42).

A manutenção da ordem social depende do respeito a essas fronteiras rígidas. Caso haja transgressão dessas fronteiras simbólicas, que delimitam rigidamente o que é a masculinidade e a feminilidade, mecanismos de normatização e controle tendem a ser acionados, tais como o uso da violência (Madureira, 2007). Assim, “poder, violência e sofrimento psíquico estão, portanto, presentes no processo contínuo de produção e reprodução das masculinidades e feminilidades hegemônicas nas mais diversas instâncias sociais” (Madureira, 2007, p. 76). Nesse sentido, o sexismo representado pela hierarquização entre os gêneros, privilegiando o masculino em detrimento do feminino, pode influenciar na manutenção nas fronteiras simbólicas rígidas os grupos sociais (Madureira, 2010).

2. Poder e Controle: Contribuições de Michel Foucault

Essa seção abordará como os sujeitos são constituídos não apenas através de um poder repressivo e negativo, mas também através de mecanismos que despertam desejos, demarcam posturas apropriadas e comportamentos aceitáveis.

2.1. Os Micropoderes: a Análise Ascendente do Poder

Introduzindo a obra “Microfísica do poder”, Roberto Machado (1979) apresenta o conceito de poder na visão foucaultiana, caracterizando-o como uma prática social que é construída historicamente. O poder não é um objeto que se possui e nem é um sinônimo de aparelho estatal, mas uma relação caracterizada pela assimetria, que perpassa toda a rede social, atingindo a todos de forma local e concreta, “penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder” (Machado, 1979, p. XII)

Para Foucault (1996), o poder não é algo que se apropria, que se oferece, se perde ou que é retomado, mas trata-se de uma relação de força, que se exerce e que circula na sociedade. O poder é algo que é percebido em ação, como em uma espécie de combate ou confronto, ou como uma espécie de “jogo de xadrez”, em que a cada jogada de um jogador se faz necessário um novo desenvolvimento ou redesenho de uma estratégia pelo oponente.

Na visão foucaultiana, o sujeito não é “sempre” o detentor do poder ou em contrapartida, uma vítima inerte, subjugado ao poder de outrém, mas nas relações de força, o sujeito está em condições de exercer ou sofrer a ação de poder, a depender do contexto social em que ocorre ser-lhe favorável ou não.

Outro ponto importante no pensamento foucaultiano refere-se à visão do poder não como um aparato de dominação com contornos homogêneos, mas extremamente difuso no tecido social. Foucault (1996) explica sua análise do poder da seguinte forma:

Creio que é possível deduzir qualquer coisa do fenômeno geral da dominação da classe burguesa. O que faço é o inverso: examinar historicamente, partindo de baixo, a maneira como os mecanismos de controle puderam funcionar; por exemplo, quanto à exclusão da loucura ou à repressão e proibição da sexualidade, ver como, ao nível efetivo da família, da vizinhança, das células ou níveis mais elementares da sociedade, esses fenômenos de repressão ou exclusão se dotaram de instrumentos próprios, de uma lógica própria, responderam a determinadas necessidades; mostrar quais foram seus agentes, sem procurá-los na burguesia em geral e sim nos agentes reais (que podem ser a família, a vizinhança, os pais, os médicos, etc.) e como estes mecanismos de poder, em dado momento, em uma conjuntura precisa e por meio de um determinado número de transformações começaram a ser tornar economicamente vantajosos e politicamente úteis. (...). (1996, pp. 185)

Verifica-se que a análise de Foucault parte de uma visão do poder exercido por mecanismos bem concretos e localizados, tais como: família, professores ou outros profissionais, através de ações concretas que ocorrem no nível mais infinitesimal de uma sociedade. Essas ações podem, em um momento histórico propício, ser aproveitados e apropriados por mecanismos mais globais, o que o autor denomina de análise ascendente do poder, em contraponto com um visão de poder macro que seria exercido por

mecanismos provenientes do Estado ou de classes dominantes e é imposta de cima para baixo.

Essa perspectiva de constituição do sujeito para além da repressão, que tem por finalidade moldar os corpos, gestos, discursos e desejos é denominada, na visão foucaultiana, como poder disciplinar. O poder disciplinar, como modalidade de poder, é um instrumento de controle que permeia tanto instituições específicas como a sociedade, em um sentido mais amplo. Ele é caracterizado por controlar o tempo dos indivíduos, por envolver uma vigilância constante, imperceptível e permanente dos controlados e pela apresentação de um conhecimento construído com base nessa vigilância (Machado, 1979). Para Foucault (1975, citado por Machado, 1979), enfocando mais sua concepção positiva do poder, ou seja, para além de seu caráter repressivo, o poder e o saber contribuem para a produção do indivíduo com:

A ação sobre o corpo, o adestramento do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso, como o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar, tudo isso faz com que apareça pela primeira vez na história esta figura singular, individualizada – o homem – como objeto de produção do poder. Mas também, e ao mesmo tempo, como objeto de saber (...) (Machado, 1979, p. XX).

Essa visão do poder e do controle como mecanismos que se apropriam de costumes/crenças localizadas conforme os interesses sociais, políticos ou financeiros em determinados momentos históricos e que vão além do poder repressivo, pois atuam de forma positiva, criando desejos e moldando comportamentos, é primordial para análise

de processos que fazem parte do cotidiano das pessoas, tal como a experiência do amor, a vida em família e a constituição das identidades.

2.2. Mecanismos de Controle Social nas Relações de Gênero

Diversos são os mecanismos de controle exercidos sobre os sujeitos, incluindo os controles envolvidos na constituição das identidades de gênero, esses mecanismos são exercidos pelas mais diversas instituições sociais, como, família, igreja, escola, mídia e ciência.

Desses mecanismos de controle chama-nos atenção o papel ocupado pelo saber que, segundo Foucault (1996), através da vigilância e controle constantes sobre o corpo dos sujeitos, consegue construir dados suficientes a ponto de ser possível a elaboração de um saber fisiológico. Roberto Machado (1979) defende, com base na visão foucaultiana, que não há neutralidade possível na ciência, tendo em vista que todo saber é político, pois é baseado em relações de poder.

Porém, entende-se por bem trazer a contribuição de Collins e Pinch (2003), que fazem uma metáfora interessante entre a ciência e uma criatura de barro da mitologia judaica chamada *golem*. Essa criatura, segundo uma tradição medieval, ganhava vida quando tinha a palavra “verdade” escrita em sua testa. A partir do momento que ganhava vida, a criatura passava a servir ao seu amo e obedecer suas ordens. Essa metáfora é interessante, pois caracteriza a ciência como algo que está a serviço do ser humano, que em último caso, é o responsável pelo seu uso impróprio (Collins & Pinch, 2003, p. 20).

Feita essa ressalva, observa-se que a produção científica, muitas vezes, cumpre o papel de classificação de indivíduos a fim de naturalizar situações de desigualdade, tais como a poligenia e a craniometria (Gould, 1999).

O trecho abaixo relata a visão médica do corpo feminino:

(...) Durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade. “*Vocês são apenas o seu sexo*”, dizia-se a elas há séculos. E este sexo, acrescentaram os médicos, é frágil, quase sempre doente e sempre indutor de doença. “*Vocês são a doença do homem*”. E este movimento muito antigo se acelerou no século XVIII, chegando à patologização da mulher: o corpo da mulher torna-se objeto médico por excelência (...) (Foucault, 1996, p. 234).

Quando a produção científica naturaliza a noção do masculino como forte e o feminino como frágil, entre outras categorizações, dá margem para a configuração do sexismo e toda a visão de superioridade masculina, o que acaba por relegar a mulher a uma posição, que historicamente, tem se caracterizado pela submissão e por posições de menor prestígio. Para Oliveira e Madureira (2014), “Sexismo = distinção rígida entre os gêneros + relações de poder desigual + preconceito que marca as desigualdades nas relações entre os homens e mulheres”.

Quando se observa os papéis exercidos pelas mulheres na atual sociedade, identificamos que não há um posicionamento destituído de historicidade. Segundo o antropólogo Richard Parker (2001), ainda hoje se identificam reflexos da tradição patriarcal nas “maneiras pelas quais as mulheres brasileiras têm sido conceituadas e classificadas – as formas pelas quais uma compreensão da feminilidade tem sido construída no correr da vida cotidiana” (p. 62). Observa-se que permanece uma visão de masculinidade vinculada ao poder, à ação e a virilidade, enquanto a noção de feminilidade carrega significados culturais subjacentes que reforçam as ideias de inferioridade, passividade e submissão.

Parker (2001) ressalta a questão do poder nas relações de gênero, com a mulher submetida a uma dupla moral em seu processo de socialização, pois enquanto é permitido ao homem comportamentos que são vedados à mulher, essa tem a sua vida drasticamente limitada e restringida. A educação da mulher apresenta-se focalizada no desenvolvimento de atributos historicamente vinculados ao feminino, como cuidar da casa, cozinhar, cuidar de crianças, e qualquer manifestação diferente das características culturalmente atribuídas ao feminino é “corrigida” pelo processo de socialização.

Retomando o pensamento foucaultiano, Louro (2013) focaliza o poder disciplinar como um mecanismo de moldagem do masculino e do feminino:

(...) Chamando atenção para as minúcias, para os detalhes, para táticas ou técnicas aparentemente banais, ele nos faz observar que o poder produz sujeitos, fabrica corpos dóceis, induz comportamentos “aumenta a utilidade econômica” e “diminui a força política” dos indivíduos (MACHADO, 1993, p.XVI). Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder (Louro, 2013, p. 44-45).

Dessa forma, percebe-se que as identidades de gênero são construídas tanto através do que é vedado, como através da ritualização de comportamentos, práticas, moda, costumes e posturas incentivadas em contextos históricos, sociais e econômicos específicos.

As relações amorosas, como qualquer outra relação, são atravessadas pelas questões de poder. Sobre o tema, Bourdieu (2014) questiona se “(...) seria o amor uma

exceção, a única, mas de primeira grandeza, à lei da dominação masculina, uma suspensão da violência simbólica, ou a forma suprema, porque mais sutil e a mais invisível, desta violência?” (p. 129).

Nesse sentido, se faz importante rever a contribuição de Michel Foucault (1996) no que se refere à apropriação de determinadas práticas que surgem no meio social. Assim, a presente pesquisa não entende o sentimento amoroso como uma conspiração para o controle social do feminino. Percebe-se o amor romântico como um fenômeno social que possui um percurso histórico e adquire conotações de acordo com a época em que é vivido e que “pode ser” apropriado e utilizado como um mecanismo de controle social sobre o feminino, no sentido em que sugere papéis a serem exercidos tanto por mulheres, mas também por homens nas relações amorosas.

3. Controle Social do Feminino: O que o Amor tem a ver com isso?

Como entender de que forma o amor romântico poderia envolver mecanismos de controle social da mulher? Para isso, é necessário aprofundar o conhecimento de como esse sentimento se configurou através da história. Descartando-se, de imediato, a concepção do amor como um instinto do ser humano. Amar é um aprendizado que se constitui dentro de um contexto cultural.

O psicanalista Jurandir Freire Costa (1998), em estudo realizado sobre a sexualidade e o amor no Instituto de Medicina Social da UERJ, descreve o amor como um sentimento que domina o imaginário se revelando como “o signo do supremo Bem” (p. 11). O amor romântico, visto como o sentimento que nasce entre duas pessoas no decorrer de um envolvimento afetivo-sexual, não se trata de um instinto ou de um sentimento que se manifesta universalmente, mas de um fenômeno social, e como tal, possui um percurso histórico e cultural. Para Costa (1998),

O amor é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina (...). Nenhum de seus constituintes afetivos, cognitivos ou conotativos é fixo por natureza (p. 12).

Madureira (2007) pontua que a sexualidade não pode ser analisada como dissociada das relações de poder, das crenças, dos valores e das práticas culturais e nem como um terreno imune às questões políticas. Dessa forma, entendo que pensamento análogo pode ser aplicado à trajetória histórica do amor, que adquire configurações próprias de acordo com a cultura, espaço e tempo em que esse sentimento é vivenciado.

3.1. Amor Romântico: Uma Breve História

Para o entendimento da atual concepção do amor romântico e sua influência na construção das identidades femininas, se faz necessário analisar, mesmo que de forma breve, como esse sentimento se tornou prioridade e força motriz em nossas vidas, e como sua trajetória histórica se encontra atravessada por relações de poder.

O amor romântico deve muito de sua trajetória ao seu predecessor, o amor cortês, uma forma de manifestação do amor que tomou vulto na Europa do século XII. O amor cortês se baseava na elevação da dama como uma entidade digna de ser venerada pelo cavaleiro que lutava para lhe conquistar o amor, porém, esse amor era algo destinado a não se concretizar (Costa, 1998; Lins, 2012a; Lobato, 2012; Solé, 1991). Vale ressaltar que essa condição do homem em relação a uma mulher era um fenômeno característico no norte da Europa, não podendo ser generalizado para o restante do continente (Rougemont, 2003).

Rougemont (2003) atribui o nascimento do amor-paixão que identifica com o amor cortês, no séc. XII, a uma reação do homem ao casamento cristão, que como um sacramento, condenava a infidelidade e o concubinado. Segundo ele:

O amor-paixão surgiu no Ocidente como uma das repercussões do cristianismo (e especialmente de sua doutrina do casamento) nas almas ainda habitadas por um paganismo natural ou herdado (...) Ora já determinamos sua data: aproximadamente, o começo do século XII (data do nascimento do amor-paixão!). E vamos mostrar que ele utiliza um nome, aliás, bastante conhecido: a *cortesia*, o amor cortês. " (Rougemont, 2003, p. 101)

Por sua vez, o amor romântico, começou a entrar em cena no final do século XVIII, momento que coincidiu com a popularização da novela como gênero literário. O fenômeno amor romântico possuía alguns elementos em comum como o amor-paixão, porém divergia em outros. Os elementos divergentes diziam respeito à exaltação e ao ardor que eram provocados pela paixão (Giddens, 1993). Com relação ao que foi valorizado pelo amor romântico, temos:

Nas ligações de amor romântico, o elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do ardor sexual. (...) O amor rompe com a sexualidade, embora a abarque; a “virtude” começa a assumir um novo sentido para ambos os sexos, não mais significando apenas inocência, mas qualidades de caráter que distinguem a outra pessoa como “especial” (Giddens, 1993, p. 51)

Voltando o olhar para o Brasil do século XVIII, segundo Del Priore (2012), o amor era algo que também era vivenciado apartado do casamento, uma vez que essa instituição era concebida como um negócio para toda vida, era necessário escolher com extrema racionalidade o futuro parceiro, levando-se em conta variáveis como idade, classe social, saúde, aparência física e a moral. Os casamentos eram acordos que se davam entre os “iguais” e o amor-paixão era algo que se vivia fora desse negócio.

As uniões arranjadas decresceram no século XX e o casamento por amor, apesar de existir como possibilidade desde o século XVIII, tomou força a partir dos anos 1940, primeiro entre as camadas populares que não possuíam muitos bens em jogo e uma maior liberdade de costumes. Em seguida, o ideal de casamento por amor alcançou a burguesia (Del Priore, 2012; Lins, 2012b). O sentimento amoroso no casamento serviu para inovar na forma de dominação das mulheres, tornando-a mais sutil, pois, “a mulher se submetia

não mais por pressão, mas por amor. Pois com amor chegavam todas as manipulações afetivas, a exemplo do ciúme tirânico de certos maridos” (Lins, 2012b, p.212).

Ao analisar o amor romântico, percebe-se que sua história converge com a história da família a partir do séculos XVIII, influenciando as formas de organização das famílias, o que será abordado na seção seguinte.

3.2. A Influência do Amor Romântico na História da Família

A família foi caracterizada como “a linha privilegiada de penetração do poder disciplinar” por Ariès e Foucault (1977, 1990, citados por Heilborn, 2004, p. 63), e diante disso se faz importante, para o presente estudo, uma breve análise de como o amor romântico tem influenciado a organização da família através da história.

Giddens (1993, p. 49) relata que na Europa pré-moderna os casamentos se davam apoiados em bases econômicas e não na afeição ou atração física. Entre as classes populares, “o casamento era um meio de organizar o trabalho agrário”. De forma geral, não havia manifestações de afeto físico associado ao sexo, esses comportamentos não eram característicos de casais casados. O amor que estava relacionado ao casamento era o amor de “companheiros”, relacionado com as respectivas responsabilidades dentro da família. Porém, havia a vivência do amor paixão por parte dos homens em ligações extraconjugais.

Na mudança desse panorama na cultura ocidental, a redução da família revelou-se como importante na redefinição dos relacionamentos intrafamiliares. As famílias passaram da chamada família extensa para a nuclear ou moderna, o que ocorreu por volta dos séculos XVII e XVIII (Heilborn, 2004). Com a contração da família, os laços tornam-

se mais íntimos e a família de uma realidade moral e social transforma-se, também, em uma unidade afetiva (Foucault, 1990, citado por Heilborn, 2004).

Para Philippe Ariès (1978), o grande agregador da família foi a invenção da infância, com a identificação da criança como um ser vulnerável e que necessita de cuidados especiais, o que passou a mobilizar a família ao redor desses cuidados. Porém, o investimento afetivo que a criança foi alvo acabou por irradiar também para a vida conjugal (Heilborn, 2004). No século XIX, percebeu-se que “(...) maridos e esposas eram vistos cada vez mais como colaboradores em um empreendimento emocional conjunto, este tendo primazia até mesmo sobre as obrigações para com seus filhos. (...)” (Giddens, 1993, p. 36).

Giddens (1993) relata que o surgimento da ideia de amor romântico foi o junção de uma série de influências e enumera três fatores: a criação do lar como ambiente separado do ambiente de trabalho, o que fez com que a família ficasse voltada para assuntos mais íntimos; a modificação da relação entre pais e filhos, conforme mencionado anteriormente; e a invenção da maternidade, que amenizou a força do poder patriarcal a favor do amor maternal. Percebe-se, portanto, que todos os fatores listados pelo autor referem-se às formas de organização familiar.

Para Costa (1999), a junção entre sexo e amor no matrimônio se deu por preocupações higiênicas. O poder médico promoveu o incentivo do amor e do prazer sexual entre maridos e esposas. A busca do prazer sexual no casamento foi instigado, basicamente, por dois motivos, primeiramente, para evitar o envolvimento dos maridos com prostitutas e a proliferação de “doenças venéreas”. O segundo motivo foi para que as esposas se sentissem satisfeitas, pois isso evitaria a prática da masturbação, por parte das mulheres, e preveniria o adultério feminino. A finalidade dessa preocupação era a

manutenção da saúde da família, em especial, da prole que seria protegida física e moralmente.

O amor conjugal foi incentivado porque foi percebido como necessário à higiene na família, assim, com o discurso científico o “amor higiênico” entrou em confluência com o amor romântico (Costa, 1999). A opção pelo investimento no amor romântico para o fortalecimento das famílias deu-se pelo fato do sexo ser visto como uma prática menos nobre e incapaz de suscitar a mesma mobilização que o amor romântico. Sobre isso Costa (1999, p. 232) afirma:

Num século profundamente sensibilizado pelos valores da burguesia européia, amar como os heróis e heroínas da literatura ou sublitteratura francesas era sinônimo de bom gosto e civilidade de costumes. A higiene tirou partido destas inclinações sociais, manipulando-as em seu benefício. Este foi um dos sentidos do recurso médico ao amor.

Conforme se observa, o amor foi utilizado como uma forma de disciplina das famílias. Uma mudança de comportamento que se tornava mais evidente foi apropriada com vistas a alcançar o objetivo de beneficiar a saúde pública e proteger as famílias. Essa estratégia pode ser caracterizada como um mecanismo de controle social na visão foucaultiana.

3.3. O Amor Romântico na Contemporaneidade

Na sociedade contemporânea, conforme já mencionado, o amor romântico assume, muitas vezes, conotações de uma religião, reverenciado como um sentimento que

eleva o ser humano a um patamar mais nobre. O amor é percebido como um sentimento transformador do ser humano, que o liberta, redime, consola, dá esperança e pode preencher o vazio existencial. Enfim, o amor seria uma nova porta de acesso ao paraíso (Beck, 2005, citado por Precht, 2012; May, 2012).

Essa primazia do amor romântico na vida contemporânea também é afirmado e reafirmado pela indústria cultural, mediante livros, letras de canções, filmes e mídia em geral, que tem retratado esse sentimento como central na vida das pessoas e como algo que faz com que a vida valha a pena ser vivida. Nesse sentido, o filósofo francês Luc Ferry (2012) apresenta o amor como algo que se irradia para todas as áreas da vida de um indivíduo, de forma que:

(...) Sem ele, nada teria significado para nós. Seria, nesse caso, o verdadeiro desencanto do mundo. Quando ele nos escapa, quando por uma razão ou por outra ele nos vem a faltar – morte de um ente querido, separação, rompimento ou simples período de seca amorosa –, o universo inteiro se torna opaco e sombrio (pp.13-14).

Paradoxalmente, quanto mais se busca o amor, mais voltado para si o indivíduo se revela, sendo retratado por Beck (2005, citado por Precht, 2012) como uma espécie de “caçador e coletor à procura de sexo e amor, inebriação e satisfação” (p. 252). Nessa mesma linha, Joel Birman (2003) apresenta um sujeito contemporâneo autocentrado, extremamente voltado para si, que reconhece no outro um objeto para sua satisfação. Essa visão do outro como um objeto, faz com que as pessoas sejam consideradas descartáveis, verificando-se um apaixonar-se e desapaixonar-se contínuo, demonstrando a fragilidade atual dos laços amorosos (Bauman, 2004). Desta forma, verifica-se que, muitas vezes, a

desesperada busca das pessoas na atualidade é por viver o sentimento “amor” a qualquer custo, e não por encontrar alguém a quem amar.

3.4. Famílias Brasileiras: a Idealização dos Modelos Tradicionais Prevalece

A expectativa de viver o amor romântico, a preparação para o casamento, o casamento em si, a maternagem e a família são questões que envolvem, tradicionalmente, o universo feminino. Tais questões, se revelam, em geral, como epicentro na constituição das identidades femininas, podendo ser percebidos como mecanismos de controle social exercidos sobre o comportamento da mulher.

Ainda hoje, na família, as tarefas de cuidar da casa e dos filhos, na maioria dos casos, são atribuições femininas, trabalhando a mulher fora ou não (Vianello & Caramazza, 2011), liberando o homem para a atuação na vida pública. O amor em si é apontado como um sentimento tipicamente feminino. Nesse sentido, Neves (2007) o define como:

(...) uma suprema vocação e, quando se dedica a um homem, vê nele um deus [...]” Os ideais de amor romântico sempre afectaram as aspirações das mulheres mais do que as dos homens, apesar de estes serem também influenciados por eles. Giddens refere que alguém definiu o amor como “[...] uma conspiração engendrada pelos homens contra as mulheres para lhes encher a cabeça com sonhos tontos e impossíveis. (p. 613)

E continua:

A questão do amor romântico tem encabeçado a agenda feminista, sendo a sua ideologia apontada como responsável por levar as mulheres a acreditar que a felicidade humana dependeria da sua entrega total e incondicional aos seus parceiros, originando, em muitas situações, histórias de violência, de discriminação e de desigualdade. Os discursos feministas geralmente apresentam o amor como estando ligado ao romance e ao casamento, sendo esses factores chave para a sujeição das mulheres aos seus parceiros (p. 617).

Uma pesquisa publicada em abril de 2014, com dados de 2013, pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea)¹ divulgou, entre outros, os seguintes dados:

- 63,8% das pessoas ouvidas concorda total/parcialmente que o homem deve ser o ‘cabeça’ do casal;
- 59,5% das pessoas concorda total/parcialmente que uma mulher só se sente realizada quando tem filhos;
- 78,7% dos entrevistados concorda total/parcialmente que todas as mulheres sonham em se casar.

¹ A pesquisa “Tolerância social à violência contra as mulheres”, foi inicialmente divulgada, em março de 2014, com erros na análise de duas questões, sendo posteriormente corrigida e republicada em abril de 2014. A errata que explicita os erros e a consequente correção encontra-se disponível no endereço eletrônico http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21971, e retifica a análise dos dados nos seguintes termos: “Vimos a público pedir desculpas e corrigir dois erros nos resultados de nossa pesquisa Tolerância social à violência contra as mulheres, divulgada em 27/03/2014. O erro relevante foi causado pela troca dos gráficos relativos aos percentuais das respostas às frases *Mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar* e *Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas*”. A pesquisadora optou por manter os dados referentes à pesquisa por dois motivos. Em primeiro lugar, as questões erroneamente analisadas (e corrigidas) não foram consideradas na fundamentação teórica do presente trabalho. Em segundo lugar, o resultado geral da pesquisa se apresenta como relevante quando representa o que é esperado pela sociedade brasileira do arranjo familiar, em especial no que diz respeito à valorização dos modelos patriarcal e heteronormativo, assuntos extremamente importantes para o tema desta pesquisa.

Os resultados da pesquisa nos fazem pensar o quanto da tradição patriarcal ainda permeia a constituição das identidades femininas em pleno século XXI, pois observa-se uma grande identificação da figura da mulher com uma posição de inferioridade e de dedicação ao outro (marido, filhos, família ou casa). A pesquisa ainda traz o retrato daquilo que é esperado da mulher brasileira. Quando se fala que quase 80% dos pesquisados acredita que o sonho de toda mulher é o casamento, esse sonhado evento deve restringir-se a uma união heterossexual, pois 51,7% concorda, total ou parcialmente, que o casamento homoafetivo deve ser proibido (Ipea, 2014).

Os dados divulgados pelo Ipea são representativos no sentido de que fica identificado o que é valorizado e considerado a norma na nossa sociedade. É necessário problematizar os resultados apresentados, que podem representar: que as famílias devem ser chefiadas por homens, que uma mulher precisa estar não apenas casada, mas deve estar em uma união heterossexual e com filhos/as. Cabe, então, questionar: qual é o lugar das mulheres que chefiam seus próprios lares? Qual o lugar das mulheres sozinhas, sejam elas solteiras, separadas ou viúvas? E o que dizer das lésbicas? Que lugar ocupam essas mulheres em nossa sociedade?

3.5. Novas Formas de se Relacionar Consigo e com o Outro

As questões apresentadas anteriormente revelam-se intimamente relacionadas à configuração tradicional da família, composta pelo vínculo conjugal de um homem mais velho com uma mulher mais nova e filhos/as, e às novas possibilidades de arranjos familiares. Para Gonçalves (2009), vive-se em uma sociedade que não se preparou para atender aqueles/as que não participam do modelo tradicional de família nuclear burguesa. Considerada, por muitas pessoas, como um modelo ideal, a família nuclear serve para

comparar se outras configurações de família estão dentro da “normalidade” ou se caracterizam como “desviantes” (Gonçalves, 2007).

As pessoas que moram sozinhas, denominados domicílios unipessoais, não são considerados como uma opção definitiva, mas um estágio intermediário e transitório a caminho de uma união que caracterizaria a criação de relações familiares definitivas (Scott, 2001, citado por Gonçalves, 2007).

Uma pesquisa realizada pela cientista social Eliane Gonçalves (2009) identificou no relato de 12 mulheres solteiras, de classe média, com alta escolarização, sem filhos e que moram sozinhas na cidade de Goiânia-GO, que o fato de serem vistas como mulheres independentes, adicionado ao fato de morarem sozinhas, atrai certo olhar de estranheza e preconceito, muitas vezes, sendo percebidas como ameaças por parte de outras mulheres.

A pesquisa de Gonçalves (2009) aponta para a identificação de dois estereótipos associados às mulheres solteiras. O primeiro seria sobre a mulher ‘solteira’ independente, ligada a uma ideia de ampla liberdade sexual, o outro, seria o relacionado à mulher considerada ‘solteirona’, a quem faltaria sexo e amor, uma mulher fatalmente destinada a uma vida de solidão. Ambos os estereótipos reforçam a norma, que preconiza o casamento como destino “natural” para a mulher.

Na atualidade, emergiu uma noção de intimidade vinculada à conjugalidade. Essa percepção fez com que a solidão fosse percebida como fonte de problemas emocionais e dificuldades de relacionamento, não se vislumbrando a possibilidade de que o ‘estar só’ pode significar uma outra forma de conexão (Storr, 1996, citado por Gonçalves, 2009), consigo mesmo ou com os outros, com a possibilidade de estabelecimento de profundos vínculos afetivos e não significando, necessariamente, isolamento social.

Identifica-se que a questão de morar só torna-se mais problemática quando é a mulher que opta por essa condição. Essa escolha da mulher, muitas vezes, é recebida com

preconceito e confundida com isolamento social e solidão (Gonçalves, 2007, 2009). Portanto, é possível perceber que a ênfase na necessidade de viver o amor romântico leva-nos a crença de que esse amor é para ser vivido dentro dos moldes da família nuclear burguesa.

3.6. O amor Romântico e a Clínica: Obrigação de Amar, Solidão e Sofrimento

Psíquico

Tanta cobrança de se viver o amor em nossa sociedade pode levar a grandes frustrações quando esse objetivo de vida não é realizado. Costa (1998) ressalta que quando algo não funciona no campo amoroso, há uma tendência das pessoas de culpar a si mesmas, ao outro ou ao mundo, raramente abrindo-se espaço para questionamento sobre as formas como interiorizamos o amor, como aprendemos a amar. As dificuldades para a realização do amor podem levar, muitas vezes, os indivíduos à infelicidade e a solidão. No contexto terapêutico, essa é uma temática recorrente:

No contexto terapêutico, observo que as dificuldades relativas à vivência do amor estão frequentemente presentes, seja no modo como o cliente estabelece a relação com o terapeuta, seja no conteúdo das verbalizações, das queixas, da história de vida, das fantasias, dos sonhos, e até na postura corporal. Observo que, quanto mais carentes de amor e aceitação alguns clientes se apresentam, mais isolamento, desconfiança e descrença manifestam em suas relações, que ficam comprometidas em sua qualidade (Cardella, 1994, p. 14).

As questões relacionadas ao amor suscitadas no ambiente psicoterapêutico, porém, não devem ser tratadas como simples problemas de relacionamento que precisam ser solucionados. O processo psicoterápico deve ser percebido como um contexto educativo, tendo em vista que pode promover mudanças qualitativas, aquisição de novas habilidades e conhecimentos. O espaço psicoterapêutico é concebido como um lugar de autoconhecimento, de questionamentos, de desconstrução de preconceitos, de ressignificações e empoderamento do sujeito.

4. Metodologia

Quando iniciamos uma pesquisa científica é necessário estabelecer um plano de ação que tem como um de seus pontos principais a forma como as metas estabelecidas podem ser atingidas. Ou seja, como chegar aos objetivos geral e específicos da pesquisa, que instrumentos usar, que participantes selecionar, como a informação será construída e como realizar a análise do conteúdo levantado.

A forma como esse plano de ação é delimitado denomina-se metodologia. Método, etimologicamente definido como o trajeto percorrido para se chegar a um destino projetado, e, no dicionário, é conceituado como os procedimentos devidamente organizados que conduzem a um determinado resultado (Marconi & Lakatos, 2003; Ferreira, 2004).

O “destino” buscado, nesse caso, os objetivos de uma pesquisa, devem ser os fios condutores que norteiam a definição das estratégias mais adequadas para uma investigação, pois se faz necessária a coerência entre os meios utilizados e os objetivos almejados.

Nesse sentido, o desenvolvimento da pesquisa utilizou uma metodologia qualitativa de investigação, em virtude do interesse de se investigar o amor romântico e suas influências na constituição das identidades femininas na contemporaneidade, que se traduz em um nível de realidade em que a quantificação reduziria os fenômenos analisados. Nesse contexto, se buscou trabalhar com “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2004, p. 21-22).

Sendo assim, a pesquisa qualitativa revela-se mais adequada para abordar o presente tema, tendo em vista o caráter dinâmico e complexo que envolve as interações sociais e os relacionamentos humanos, que ocorrem em contextos históricos e culturais específicos.

Outro aspecto importante na opção pela pesquisa qualitativa no presente estudo diz respeito à visão de que a produção de conhecimento ocorre a partir de uma realidade plurideterminada, irregular e histórica, e a busca da compreensão da subjetividade humana demandava uma abordagem que fosse compatível com os objetivos da pesquisadora (González Rey, 1999, citado por Madureira & Branco, 2001).

A partir disso, toma-se como inspiração a epistemologia qualitativa proposta por Gonzalez Rey (2002), no que se refere aos princípios em que se baseia, que são: (a) a concepção de que o conhecimento se produz de uma forma construtiva-interpretativa; (b) a relevância atribuída à interação entre pesquisador/a-pesquisado/a no processo de construção do conhecimento; e (c) a importância da singularidade como nível legítimo de produção de conhecimento.

4.1. Participantes

Foram entrevistados seis participantes, sendo três mulheres e três homens, entre 18 e 30 anos, de classe média e residentes no Distrito Federal. Os/as participantes foram selecionados/as através da rede social da pesquisadora.

Com a finalidade de manter o sigilo relativo à identidade pessoal dos/as participantes, os nomes verdadeiros foram substituídos por nomes fictícios. As principais características dos/as participantes, em termos sociodemográficos, são apresentadas na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1: Informações sociodemográficas sobre os/as participantes da pesquisa.

Nome Fictício	Idade	Escolaridade	Religião
Pedro	25 anos	Nível Médio	Sem religião
Dalila	18 anos	Nível Médio	Evangélica
Marta	23 anos	Nível Superior Incompleto	Luterana
João	24 anos	Nível Médio	Católica
Paulo	20 anos	Nível Superior Incompleto	Católica
Maria	30 anos	Nível Médio	Sem religião

4.2. Materiais e Instrumentos

Os materiais necessários para a realização da pesquisa foram:

- um aparelho celular utilizado para a gravação do áudio das entrevistas, com o consentimento dos entrevistados/as;
- um *tablet*, para a apresentação de um *clip* musical e imagens previamente selecionadas;
- um *notebook* utilizado para efetuar a transcrição das entrevistas;

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram: a apresentação do *clip* musical da música “The One”, de Elton John (Anexo A), devidamente legendada, um roteiro de entrevista semiestruturada (Anexo B), imagens previamente selecionadas (Anexo C), um roteiro com questões sobre as imagens apresentadas (Anexo D), os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo E) para assinatura dos participantes, se estiverem de acordo em colaborar com a pesquisa, e um formulário sociodemográfico (Anexo F).

4.3. Procedimentos de Construção de Informações

Foram realizadas seis entrevistas individuais semiestruturadas, que seguiram o roteiro elaborado pela pesquisadora, com poucas variações conforme direcionamento dado por cada participante, porém, sempre buscando manter como eixo norteador o objetivo geral da pesquisa.

O contato com as participantes ocorreu após a devida aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB (Anexo G). As entrevistas foram realizadas após cada participante ser informado do objetivo da pesquisa e do compromisso de sigilo em relação à identidade pessoal dos/as participantes, ou seja, que seus nomes seriam substituídos por nomes fictícios. Em seguida foi apresentado o TCLE, e somente após a assinatura do documento foi iniciada a entrevista individual.

O encontro com cada participante consistiu de três momentos, que foram: apresentação de um *videoclipe*, realização a entrevista e apresentação de onze imagens previamente selecionadas.

No primeiro momento, foi apresentado um vídeo de sensibilização e “aquecimento” em relação ao tema investigado. Foi selecionado o *videoclip* da música “The One” (Anexo A) devidamente legendado. A música escolhida narra o impacto sofrido na existência de uma pessoa quando ela encontra o amor e a importância desse sentimento na vida de quem o vivencia. A letra da música faz uma interessante separação entre uma vida antes do encontro com o “amor verdadeiro” e com a “pessoa certa”, caracterizando-se uma espécie de regeneração no indivíduo.

Optou-se pela utilização da música no primeiro momento do encontro com o objetivo de envolver o/a entrevistado/a no tema que será abordado e na tentativa de tentar

minimizar a resistência ao falar sobre um assunto considerado íntimo, em especial em um contexto de pesquisa.

Foi possível identificar como muito produtiva a utilização de música como forma de sensibilização dos/as participantes para entrevista. Cinco dos/as seis participantes se sentiram provocados a iniciar uma conversação sobre o tema da pesquisa já durante a apresentação do *videoclipe*.

Após esse momento inicial, deu-se início à entrevista propriamente dita. A entrevista na pesquisa qualitativa é uma oportunidade valiosa de co-construção de conhecimento, não como forma de se acessar conteúdos intrapsíquicos já definidos para o entrevistado, mas como um espaço crítico e de abordagem de temas que possivelmente ainda não tenham sido elaborados pelos/as participantes da pesquisa. Nesse sentido, Madureira e Branco (2001, p. 72) argumentam:

(...) é necessário superar a idéia [*sic*] de que a utilização da entrevista na prática de pesquisa representa um “meio” para se acessarem os conteúdos intrapsíquicos do sujeito investigado, como se os mesmos já estivessem “prontos dentro de sua cabeça”. Em outras palavras, não há uma relação isomórfica entre as respostas do sujeito (os “dados”) e os fenômenos estudados (...).

Definida a entrevista como procedimento de construção de informações, optou-se pela modalidade semiestruturada, devido a necessidade de se abordar o tema em estudo de uma forma mais sistematizada e, de certa forma, mais direcionada em relação ao que ocorreria em uma entrevista não-estruturada.

No terceiro momento, foram apresentadas imagens previamente selecionadas relacionadas ao tema de estudo. A escolha pela utilização de imagens se deu na mesma

direção da opção pela utilização da música para sensibilização. A utilização de imagens no momento final da entrevista decorreu da tentativa de contornar a tendência dos indivíduos de revelarem apenas opiniões e atitudes socialmente aceitas em uma situação de pesquisa, uma vez que, as imagens, enquanto artefatos culturais, mobilizam mais facilmente processos afetivos, que transcendem a linguagem verbal (Madureira, 2008).

A pesquisa foi inteiramente custeada pela pesquisadora.

4.4. Procedimentos de Análise

As entrevistas gravadas em áudio foram transcritas em sua íntegra, para possibilitar uma análise mais detida e aprofundada. Em seguida, foi realizada uma leitura preliminar das transcrições, com objetivo de tecer um quadro geral das entrevistas realizadas. Após essa leitura preliminar, foi realizada uma leitura mais aprofundada, visando identificar pontos comuns e divergentes em cada entrevista, procedendo-se a demarcação dos trechos mais relevantes, considerando os objetivos da pesquisa. Com base no conteúdo trazido pelos/as participantes foram construídas categorias analíticas temáticas que orientaram o trabalho interpretativo das informações construídas no momento empírico.

A análise das entrevistas teve como objetivo identificar aspectos relativos às questões de gênero, mecanismos de controle da mulher e relacionamentos amorosos, buscando perceber, a partir da fala dos/as participantes sobre suas experiências cotidianas, a descrição de fenômenos relevantes para a compreensão da constituição das identidades femininas de forma contextualizada.

Foram, então, construídas três categorias analíticas, que guiaram o trabalho interpretativo. As categorias analíticas construídas foram: (1) Amor romântico,

feminilidades e masculinidades; (2) Amor romântico e a experiência de solidão na perspectiva dos/as participantes; (3) Mecanismos de exclusão das mulheres que escapam ao padrão de feminilidade hegemônica: “Deus fez o homem e a mulher”.

5. Resultados e Discussão

Nesta seção, será sistematicamente discutido o conteúdo apresentado pelos/as participantes durante o momento empírico. As entrevistas apresentaram pontos de aproximação entre as falas dos/as participantes, bem como pontos divergentes, o que será objeto de análise mais aprofundada.

5.1. Amor Romântico, Feminilidades e Masculinidades

Esta categoria analítica discutirá a forma como a expectativa de vivenciar o ideal de amor romântico construiu uma concepção de que o estabelecimento de um relacionamento estável, com a constituição de uma família e a criação de filhos é uma sequência natural e indispensável da vida, para a maioria dos/as participantes.

As entrevistas revelaram o caráter central na vida dos/as entrevistados/as do fenômeno “amor”, em suas mais diversas formas de manifestação, seja o amor romântico, amor aos filhos, aos pais, aos irmãos/ãs, a Deus ou ao próximo. Todos os/as participantes declararam que o amor é a base, o motivador e o combustível para o estabelecimento de metas e realizações de suas vidas. Sobre a importância das várias concepções do sentimento, inclusive o amor romântico, Pedro declarou:

[O amor] É importante sim, no meu ponto de vista. Eu acho que o amor é uma grande motivação que você tem. Boa parte das coisas, de poemas... desde poemas até guerras, foram motivadas por amores, não é? Você tem assim da caneta a espada motivadas por amores, porque é isso que te motiva a viver, são as coisas que você vai fazer. (...) O amor é um combustível para a sua vida. Ele produz em

você um sentimento que você deve ser mais, que você deve dar mais atenção, ser uma pessoa melhor. Acho que, assim... sem qualquer tipo de amor a pessoa fica fria, porque é o amor que motiva.

Essa fala de Pedro exemplifica o pensamento do filósofo Luc Ferry (2012), quando discute que a sociedade atual passa por transformações em que se percebe a mudança dos princípios em que se baseiam a formação de valores, de crenças e da concepção do sagrado, visto como algo pelo qual vale a pena se sacrificar. O autor descreve, que os princípios que outrora mobilizam às pessoas se alteraram de acordo com o período histórico e com a sociedade, citando o Cosmos dos gregos, o Deus das grandes religiões, a razão do humanismo, o patriotismo e os ideais revolucionários. Para Ferry (2012), o que mobiliza o ser humano é o amor, em suas diversas formas, que predis põem cada um à saída do egocentrismo em direção ao sacrifício, tendo como alvo desde os entes que lhe são mais próximos até a coletividade.

O amor foi relacionado ao compartilhar a vida e as experiências, à cumplicidade e à reciprocidade entre duas pessoas afetivamente envolvidas. Quanto a isso, Simmel (1971, citado por Heilborn, 2004) descreveu que reciprocidade, em termos de dar e receber amor, seria o objetivo real do amor moderno, tudo o mais seria considerado secundário na vivência do amor.

O amor dividiu o foco dos/as entrevistados/as, no que diz respeito ao estabelecimento de uma prioridade de vida, apenas com os projetos profissionais. Uma das entrevistadas, Maria, relatou que seu foco neste momento de sua vida está situado em sua vida profissional, porém, a mudança de foco se deveu a uma série de decepções que sofreu no decorrer de suas vivências amorosas. Dessa forma, Maria informou não nutir

mais expectativas com relação à encontrar uma pessoa certa para dividir sua vida, descrevendo-se como:

Eu sou uma pessoa muito machucada pela vida, em todos os aspectos, mas eu me considero uma sobrevivente. Minha vida amorosa sempre foi muito conturbada, nunca tive muita sorte em relação a isso, acho que não encontrei a pessoa certa. (...) minha vida amorosa... eu tô sem planos. A gente se decepciona tanto que o que vier é uma surpresa, né? Se não vier uma coisa muito boa, pelo menos, a gente já tá precavido. Assim... eu tô focada mais na minha vida profissional mesmo (...).

Maria relatou que nos seus planos estavam incluídos, até pouco tempo, além de desenvolver uma carreira que a satisfizesse, casar e ter filhos, porém, diante das dificuldades amorosas pelas quais passou, preferiu suspender seus planos na área afetiva. Durante a entrevista, a participante demonstrou que a situação lhe causa sofrimento e percebe-se que a mudança de postura e novo foco na vida profissional deve-se mais a uma contingência de insatisfação com a vida sentimental, diante das expectativas anteriormente existentes e frustradas. Assim, também verifica-se a importância do amor romântico na vida da entrevistada.

Resultados similares foram identificados na pesquisa realizada por Thompson (1989, citado por Giddens, 1993). A pesquisa relata que as jovens estadunidenses entrevistadas apontaram a importância da carreira na vida de uma mulher, porém, o tema romance e sexualidade constantemente emergiam como tema central nas suas falas.

Os/as participantes demonstraram dificuldade em conceituar os termos amor e felicidade, em geral, lançando mão de expressões como: “pergunta difícil...” ou “boa

pergunta...”, como uma preparação, seguida de silêncio e de definições genéricas dos termos, tais como: “o amor é tudo!” ou “o amor é inexplicável...”. Essa reação dos/as entrevistados/as pareceu à entrevistadora algo como se faltassem palavras para explicar a forma como percebiam o sentimento considerado tão intenso.

Valsiner (2012) ressalta que os sentimentos são fenômenos intrapsicológicos que só podem ser acessados pelo sujeito através da introspecção e expresso aos outros pela ação. Segundo o autor, “(...) Os fenômenos afetivos são dinamicamente complexos e costumam escapar à descrição em termos da linguagem comum, mesmo às mais elaboradas. (...)” (Valsiner, 2012, p.255). Nos casos dos/as entrevistados/as, a linguagem verbal demonstrou não ser suficiente para descrever e resumir toda a experiência dos/as participantes com o amor.

Outro aspecto que pode explicar o tempo de latência e a dificuldade na elaboração da resposta por parte dos/as entrevistados/as seria o fato do momento da entrevista proporcionar um espaço de reflexão para a abordagem do tema amor romântico, que possivelmente ainda não tinha sido racionalmente elaborado pelos/as participantes da pesquisa.

As entrevistas revelaram que os sujeitos percebem que a sociedade espera papéis diferenciados em relação ao homem e à mulher em seus relacionamentos amorosos, com os homens em uma posição mais ligada ao sustento da casa e a mulher, mesmo que trabalhando fora de casa, estaria mais vinculada com o cuidado dos/as filhos/as. Os entrevistados do gênero masculino, revelaram maior vínculo afetivo com as mães, com dois deles relatando menor identificação e afinidade com os pais, em virtude da criação ter sido mais conduzida pela figura da mãe.

Guacira Lopes Louro (2000) relata como os sujeitos são educados desde cedo a se enquadrarem dentro do que a cultura espera para cada gênero e para isso o ambiente

escolar, também ocupa uma posição estratégica. Os homens são influenciados pela execução de atividades que desenvolvam uma masculinidade viril, competitiva e dominante. As mulheres são apresentadas a atividades que as ajudam a despertar a docilidade, discrição, gentileza e comedimento.

O participante Pedro ressaltou que a responsabilidade pela criação dos filhos é culturalmente tão vinculado à figura feminina que quando, porventura, ocorre uma separação entre casais, geralmente, a mulher mantém suas atribuições e o homem volta a levar uma vida de solteiro:

Cuidar do filho, por exemplo, parece que o papel do homem, quando você vê um pai é tipo às vezes fazer uma companhia, uma coisa bem esporádica... da mulher não, da mulher é o cuidado, é o zelo, dar banho, fazer tudo, tanto que quando separa na maioria das vezes fica com a mulher [filhos], o homem volta a ser praticamente livre e desimpedido, ele vive uma vida dele, a mulher vive a vida com o filho.

Paulo, por sua vez, relatou que sua mãe abriu mão da vida profissional durante a infância dos filhos para se dedicar integralmente à educação dos/as filhos/as, voltando apenas a se dedicar aos estudos e aos projetos profissionais quando os filhos já estavam mais crescidos e independentes e não demandavam tanta atenção como quando pequenos.

Sobre esse aspecto, o trabalho feminino, seja o doméstico ou não, remunerado ou não, tem sido historicamente considerado como secundário e auxiliar ao do homem (Perrot, 2007). Nesse mesmo sentido, Madureira (2007) destaca que as profissões tidas como predominantemente femininas são consideradas socialmente secundárias, são

desvalorizadas e recebem um menor salário, se comparadas às profissões tipicamente masculinas.

Uma pesquisa realizada por Lilian Rubin, com homens e mulheres entre 18 e 48 anos de idade nos Estados Unidos (1990, citado por Giddens, 1993), descreve a fala de um dos entrevistados, que se declarava a favor da igualdade entre os sexos, que a criação dos filhos/as devia ser exercida tanto pelo pai quanto pela mãe, porém, um dos dois teria que assumir maior responsabilidade. O que, no seu caso, seria a mulher, tendo em vista a importância que atribuía a própria carreira. A pesquisa aponta na mesma direção revelada por Paulo, que pode ser percebida mesmo quando o homem e a mulher possuem carreiras profissionais, a responsabilidade pelas atribuições domésticas sobrecarrega, em geral, sobre as mulheres.

Apesar dos/as participantes relatarem que a sociedade percebe de forma desequilibrada o relacionamento homem/mulher, em geral, todos/as relataram que suas concepções de relacionamento afetivo estão voltadas para uma interação mais igualitária, sem divisões específicas de responsabilidades historicamente atribuídas a homens ou mulheres. Esse posicionamento do/as entrevistado/as, nos faz retomar o modelo de transmissão cultural bidirecional (Valsiner, 2012), em que o sujeito mesmo exposto a uma aprendizagem tradicional do que é ser “homem” ou ser “mulher”, não se limita apenas a reproduzir o que aprendeu, mas inova, agindo ativamente, transformando sua cultura pessoal e contribuindo para a transformação do seu contexto cultural.

Porém, alguns momentos das entrevistas apontaram para uma direção oposta à postura transformadora destacada nos discursos. Por exemplo, Paulo foi capaz de reconhecer, em uma de suas falas, que mesmo reprovando atitudes “machistas” protagonizadas por seu pai, já se surpreendeu em momentos específicos repetindo tais atitudes. Tal conflito, que se configura na encruzilhada entre reproduzir o modelo

tradicional aprendido e a possibilidade de inovar, exemplifica a permanente tensão entre estabilidade e transformação, que envolve o desenvolvimento psicológico humano e a cultura, possibilitando uma influência mútua entre os dois sistemas (Madureira, 2007).

Mesmo diante a tensão da mudança, existem contextos que Paulo não abre mão de exercer seu papel do homem que conduz a mulher, ou como o próprio participante denomina como “virilidade/masculinidade”, como no trecho que segue:

(...) É, existe algo no homem que se chama, assim, a virilidade, a masculinidade entendeu? Então, por exemplo, eu tenho, eu fico meio assim, eu acho muito estranho quando um homem está de passageiro e a mulher está dirigindo (...) o fato dela sentar assim no meu banco e sabe, eu estar conduzindo o veículo, isso te dá uma... como que eu vou te dizer, isso te dá uma confiança de si mesmo, entendeu? (...)

Dalila apresenta uma ideia de homem como um ser mais racional e frio, que resiste em demonstrar seus sentimentos. Para ela, a mulher precisa se mostrar disponível ao homem e saber cativar, até que ele se sinta envolvido e se abra para o relacionamento. Essa perspectiva coincide com a concepção de Giddens (1993), que se refere ao homem como tendo dificuldades em estabelecer relações de intimidade.

Marta, por sua vez, que acredita que apenas no mundo do trabalho a mulher pode ser considerada como igual ao homem. Para a participante, nos relacionamentos amorosos estáveis entre homem e mulher, esta última é responsável pela organização da casa, bem como necessita da racionalidade do homem para ser amparada, uma vez que considera a mulher um ser “descontrolado”, demonstrando uma percepção de que homens e mulheres são constituídos de formas diferentes.

A visão da mulher como um ser mais frágil, tanto física quanto moralmente, e predominantemente sentimental, foi defendida pelo discurso médico no século XIX, tendo com base a frenologia (Barros, 1845, citado por Costa, 1999). De acordo com essa “ciência”, o cérebro da mulher possuía a parte frontal mais estreita e maior volume na parte posterior, que são responsáveis pelas faculdades intelectuais e afetivas, respectivamente. Esse seria o embasamento “científico” para o caráter emotivo da mulher, que ainda descreve:

(...) a incrível impressionabilidade que marcava seu cérebro produzia o “capricho” e o “instinto de *coquetterie*” que davam “graça e mérito” ao sexo feminino. De posse de toda esta instabilidade do espírito e desse vulcão sentimental, a mulher, definitivamente, estava destinada ao amor: “em amar e ser amada resume-se a vida da mulher” (Barros, 1845, pp. 8-10, citado por Costa, 1999).

Os estereótipos associados à mulher como alguém frágil, delicada, naturalmente carinhosa e afetiva permanece em nossa memória, bem como a atribuição ao masculino de características exatamente opostas, tais como, força, vigor, intelectualidade e racionalidade, conforme o discurso de Maria nos apresenta. Com a fala da entrevistada, retoma-se a noção de que a identidade feminina é histórica e baseada em uma memória coletiva (Madureira, 2008), verificando-se, então, que muitos desses padrões ainda se encontram presentes na constituição das identidades femininas na contemporaneidade.

5.2. Amor Romântico: Os Vínculos e a Experiência de Solidão na Perspectiva dos/as Participantes

Essa categoria analítica focaliza a importância atribuída a existência de vínculos afetivos significativos ao longo da vida, as características e expectativas que recaem sobre os relacionamentos amorosos e qual a concepção de solidão para os/as participantes.

Um ponto que é interessante ressaltar refere-se ao fato de que todos/as os/as participantes, com exceção de Dalila, anseiam por viver, no momento presente, uma relação especial e estável em termos afetivos, porém, todos reconhecem que os vínculos afetivos estão cada vez mais voláteis (Bauman, 2004; Birman, 2003).

Maria descreve os relacionamentos amorosos na atualidade da seguinte forma:

(...) hoje em dia, tá tudo tão oba-oba, as pessoas não tão levando mais nada à sério, casa hoje... separa amanhã, só por diversão. Então, não tem um compromisso real com a pessoa. Então hoje em dia, as coisas tão muito oba-oba. Você tá com uma pessoa aqui, mas aí vê um gatinho passando que interessou mais, seja financeiramente ou seja fisicamente, você larga aquele estável pra ficar de fuleragem, pra ficar flertando com outras pessoas.

Por sua vez, a justificativa apresentada por Dalila para não querer se envolver afetivamente na atualidade de uma forma estável deve-se a uma opção consciente por dedicar-se aos estudos e a conquistar uma estabilidade profissional antes de se envolver mais seriamente com alguém. Porém, tal escolha não exclui a possibilidade de realizar experimentações no campo amoroso e sexual sem o estabelecimento de compromissos.

Essa postura já havia sido descrita em uma pesquisa realizada por Sharon Thompson (1989, citada por Giddens, 1993), a inexistência de um relacionamento romântico não significa uma abstenção sexual. Nesses casos, os encontros sexuais seriam uma espécie de “tentativa e erro” na espera do amor, até que o parceiro definitivo apareça.

Na pesquisa foram levantadas informações sobre o que um homem espera de uma mulher. Os três participantes do gênero masculino indicaram que a reciprocidade, confiança e a fidelidade são atributos que se espera de uma mulher. Sobre a fidelidade, Pedro relata que:

De uma maneira geral o que esperam [os homens] é fidelidade... homem é muito preocupado em ser corno, acho que homens têm pesadelos pensando em ser corno. (...) Essa é a questão, o homem está muito ligado a essa questão: "Será que alguém tem as mesmas coisas que ela oferece para mim? Será que ela oferece para alguém?". Isso passa na cabeça de todo homem, inclusive na minha. (..) o homem está sempre desconfiado se tem alguém bebendo na vasilha dele. (...) O fato é esse, de alguém estar usufruindo da mesma coisa que você, os mesmos benefícios que você acha que deveria ser particular. (Grifo meu)

A fidelidade traz em si diversas perspectivas, desde a mais mitológica e romântica ideia da existência de uma alma gêmea, até o papel religioso e cultural de manutenção da família moderna (Haddad, 2009). A fidelidade do/a parceiro/a assim declarada, como uma demanda maior dos homens do que das mulheres remete a ideia de que o seu antônimo, ou seja, a infidelidade atingiria diretamente a virilidade masculina, no sentido de que este homem não desempenhou o seu papel bem o suficiente a ponto de “sua mulher” precisar

de outro homem para satisfazê-la. Outra inferência que o trecho permite está ligada a um tradicional sentimento de propriedade do masculino sobre o feminino (Perrot, 2007).

Nessa mesma linha foi percebida a fala de Paulo, quando relata que o que uma mulher precisa demonstrar para despertar seu interesse é manter uma imponência e uma distância tal que faça com que deseje conquistá-la. Ness sentido, Bourdieu (2014) destaca que a forma como homens e mulheres percebem a relação afetivo-sexual, normalmente, não se caracteriza pela simetria. Um exemplo disso é o homem que pensa a relação com a mulher como uma estratégia de conquista, dominação, apropriação e posse, enquanto a mulher busca experiências mais íntimas e carregadas de afetividade.

O ponto de vista feminino em relação à questão da conquista foi exposto por Dalila. A entrevistada relata que percebe que, hoje, a mulher precisa ser bonita e inteligente para conquistar um homem, pois eles gostam de mostrar para os amigos que são capazes de conquistar uma mulher com esses atributos. Dalila relatou que percebe a mulher como “um prêmio” para o homem exibir aos outros. No fundo, essa percepção da participante revelaria que os homens estariam em uma constante competição, em que o que está em jogo é o título do homem mais viril.

Com a fala de Dalila, é possível identificar que a beleza e a boa aparência ainda se caracterizam como uma espécie de moeda de troca no mundo dos relacionamentos amorosos, um capital de investimento, que pode trazer bons retornos ao investidor, no caso, a mulher (Perrot, 2007), também chamado por Le Breton (2006), de “Capital-aparência”.

Todos os participantes masculinos revelaram resistência em estabelecer relacionamentos “sérios” com mulheres que podem ser caracterizadas como “fáceis” ou mais agressivas sexualmente. Nesse sentido, Giddens (1993) relata que apesar da liberação sexual pela qual a sociedade tem passado nas últimas décadas, ainda permanece,

em certo grau, a classificação das mulheres em garota decente/garota vadia, bem como a importância atribuída ao processo de conquista proporcionado pela mulher “difícil”, como visto acima.

Os participantes, homens e mulheres, apontaram como primordial em suas vidas a existência de vínculos significativos, sejam esses de caráter amoroso ou não. Com a narrativa sobre importância de laços afetivos significativos, emergiu como a principal fonte desses vínculos a família, que serviria como uma espécie de suporte para os/as participantes em todos os momentos necessários. Ter alguém com quem contar se revelou de grande importância para os/as entrevistados/as.

Contudo, também emergiu nas entrevistas a concepção de que estar acompanhado/a não seria sinônimo de felicidade, sendo importante a qualidade das relações estabelecidas no decorrer da vida. Nesse sentido, Pedro afirmou que: “conhece muitas mulheres casadas que são solitárias, que vivem em um estágio de solidão dentro de casa”, demonstrando que o que é valorizado não é necessariamente o fato de se ter um relacionamento, mas a qualidade desse relacionamento.

A solidão foi relatada pelos/as entrevistados/as como um dos piores sentimentos que um ser humano pode experimentar. João demonstrou dificuldades para definir a solidão, descrevendo-a como “(...) uma coisa escura, assim... que uma pessoa sozinha... que não tem amor no coração (...)”. Alguns/algumas participantes, relacionaram a solidão até mesmo com características antissociais e egoístas, devido à uma negação da pessoa em compartilhar com os/as outros/as sua intimidade. Nessa visão, a solidão seria uma espécie de escolha individual.

Os/as participantes percebem a necessidade do estabelecimento de vínculos afetivos significativos como forma de alcançar a felicidade. São esses vínculos que possibilitam às pessoas sentirem-se apoiadas e acolhidas pelo seu grupo social. Por sua

vez, o oposto disso seria a solidão, condição de quem não foi capaz de compartilhar sua vida com outras pessoas.

5.3. Mecanismos de Exclusão das Mulheres que Escapam ao Padrão de Feminilidade Hegemônica: “Deus fez o homem e a mulher”

Essa categoria analítica discute a percepção dos/as participantes com relação a importância da instituição familiar e a aceitação ou não de possíveis novos arranjos familiares. Será problematizado como a religiosidade pode influenciar o início e a manutenção dos relacionamentos heterossexuais estáveis, bem como influenciar na intolerância em relação a quem foge da heteronormatividade e dos papéis historicamente esperados para as mulheres.

As falas de todos/as participantes revelou a força da instituição social, enquanto família, que é definida por eles/as como a base de tudo. A família foi caracterizada como o *locus* de amor, preparo para a vida, educação e suporte emocional.

A noção de casamento/casal/família/relacionamento legítimo para os/as entrevistados/as restringe-se ao modelo de casal heterossexual com filhos/as. Para três dos/as participantes (uma mulher e dois homens), o casal, uma vez unido deveria assim permanecer até que a morte os separe.

A maioria dos/as participantes relatou a importância do casamento para o sentimento de realização da mulher. Um dos participantes declarou que é uma etapa importante tanto para homens quanto para mulheres. Três participantes, entre homens e mulheres, apresentaram certa emotividade ao tratar do tema, demonstrando que se trata de um passo importante no cumprimento de eventos normativos no decorrer da história de vida das pessoas. Distintamente, Pedro, acredita que o “(...) casamento já foi

considerado importante, você via aquela mulher solteira e já ligava a imagem de uma pessoa que não deu certo na vida, mas hoje em dia não, casar ou não é uma opção, não é um fator determinante na vida”. Vale ressaltar que, casamento para os/as entrevistados/as, foi considerado qualquer forma de compromisso assumido de vida comum, legalmente formalizada ou não.

Sobre a importância do casamento na construção da vida feminina, Hancock (1990, citado por Giddens, 1993), baseada em uma pesquisa realizada com mulheres estadunidenses, apresenta um quadro de que o casamento seria o centro da experiência de vida das mulheres, mesmo nos casos que essas experiências não foram positivas, ou mesmo não se concretizaram. A pesquisa revelou a visão do casamento como uma espécie de busca de independência da família original, mesmo que representasse a declaração de dependência de uma outra pessoa. Uma das participantes da pesquisa realizada por Hancock, de 50 anos de idade que havia se separado há quinze anos, declarou que sua vida se tornara vazia desde a separação, comparando-se a um cadáver que havia deixado de viver, tamanha foi a crise de identidade e incompletude que a separação do companheiro provocou.

Outro aspecto apresentado como importante para as mulheres foi a maternidade, identificada por alguns/mas participantes como uma espécie de “instinto natural”. Pedro relatou que até pouco tempo atrás acreditava que ter filhos era um destino de todo ser humano, mudando de opinião quando se percebeu com a possibilidades de fazer escolhas diferentes do que é esperado, refletindo essa conscientização em relação às mulheres e a maternidade. Por sua vez, Marta relata que o casamento é até dispensável para uma mulher, mas ter filhos é necessário. Os filhos foram retratados como uma espécie de única forma da pessoa marcar sua passagem pelo mundo, como uma herança e garantia da não solidão na velhice.

A religiosidade perpassou a fala de quatro participantes, sendo percebida de maneira bem enfática nos discursos de Paulo, João e Dalila. Pedro e Maria, apesar de terem se manifestado como não pertencendo a nenhuma congregação religiosa, declararam acreditar em Deus. Alguns/algumas participantes, também, apresentaram um discurso ancorado na moralidade, no sentido de considerar a homossexualidade como algo errado, que pode influenciar outras pessoas a se tornarem *gays/lésbicas* caso convivam com casais com tais orientações afetivo-sexuais.

Essas duas características percebidas, religiosidade e moralidade, revelaram-se como cruciais na manifestação da intolerância em relação a outras formas de união que não a heterossexual. Os/as participantes declararam que respeitavam a orientação afetivo-sexual de *gays/lésbicas*. Porém, não houve aceitação da manifestação pública das uniões homoafetivas. Os/as entrevistados/as afirmaram que essa forma de afetividade não precisa ser testemunhada pela sociedade, que esse tipo de exposição pode incentivar o crescimento da homossexualidade e que as pessoas podem manter sua orientação homossexual desde que não force os outros a presenciar tais situações.

Problematizando esse aspecto, cabe destacar que:

(...) A opressão como forma de “invisibilização”, traduz uma recusa à uma existência legítima, pública, isto é, conhecida e reconhecida, sobretudo pelo Direito, e por uma estigmatização que só aparece de forma realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade. Alega-se, então, explicitamente, a “discrição” ou a dissimulação que ele é ordinariamente obrigado a se impor (Bourdieu, 2014, p. 137-138)

Esse desejo de “empurrar” para fora do alcance dos olhos, criando “guetos” foi possível identificar na fala dos/as participantes. Os/as entrevistados/as demonstraram que

o que parece “incômodo” mantenha-se fora dos limites que possibilitem qualquer contato, distante o suficiente para não causar desconfortos. Essa postura representa a conceituação dos preconceitos como fronteiras rígidas, que impedem as trocas entre indivíduos ou grupos sociais (Madureira, 2007).

Quando uma pessoa se depara com o que é socialmente considerado diferente, e nesse caso, trata-se de uma pessoa que foge da heteronormatividade, dois movimentos são possíveis: *Heimweh*, o ‘caminho de volta para casa’, o voltar-se para o que é familiar, considerado seguro; e, *Fernweh*, o ‘caminho para longe’, para o que é desconhecido e mais arriscado (Valsiner, 2006, citado por Madureira, 2007). As falas dos/as entrevistados/as demonstram o movimento *Heimweh*, com apego à manutenção de situações familiares e confortáveis, tal como pode ser identificado no relato de João:

(...) Deus fez o homem e a mulher, e acho que deve se preservar isto. Não do mesmo sexo, porque Deus fez o homem e a mulher já para poder ter aquela família, e se procriar, ter os filhos, eu acho que assim, a pessoa do mesmo sexo não tem esta mesma capacidade, e eu acho muito errado esta lei deles poderem adotar crianças, eu acho muito errado (...)

Desta forma, foi possível identificar certa intolerância com relação aos novos arranjos familiares, principalmente os que envolvam a homoafetividade, muitas vezes, baseando-se em pressupostos religiosos para justificar a intolerância apresentada.

Maior tolerância, e até compaixão, foi demonstrada para com famílias que são chefiadas por mães solteiras, que foram classificadas como mulheres “guerreiras” por dois entrevistados. É interessante ressaltar que essas mulheres foram identificadas com um atributo carregado de nuances tradicionalmente associadas à masculinidade, ou seja,

alguém que se coloca no campo de batalha. Assim, mulheres que chefiam e sustentam seus lares podem ser comparadas aos homens. A exceção a essa visão mais condescendente em relação às mães solteiras foi identificada na fala de Dalila, que considera que quando uma mulher estabelece e rompe uniões seguidas vezes com filhos com diversos parceiros diferentes, essa mulher foi classificada, pela participante, como voltada para seus próprios prazeres e com características egoístas, não se preocupando com os filhos.

Porém, os lares compostos de um único membro, não foram identificados como famílias, ao contrário, diante da apresentação de situações de mulheres que moram sozinhas foram descritas de formas diferentes, de acordo com a faixa etária. As mulheres mais velhas foram descritas, em geral, como solitárias. As mulheres mais novas, foram consideradas independentes, muito focadas na carreira profissional, a ponto de não valorizar a vida afetiva, e com uma vida sexual mais ativa. Vale ressaltar que, no caso das mulheres mais novas, o fato de morar sozinha e ser solteira foi considerada uma condição transitória a caminho de uma futura união, conforme descrito por Gonçalves (2007).

A análise das informações construídas no momento empírico possibilitou identificar a grande importância que os/as participantes atribuem ao casamento, aos filhos e, conseqüentemente, à família como instituição social, principalmente no que se refere à visão tradicional de família, com pai, mãe e filhos/as. Essa visão não reconhece diversas outras formas de arranjos familiares, sejam esses constituídos de casais homoafetivos, com ou sem filhos, mães/pais solteiras/os ou famílias unipessoais².

Assim, diante do fato que existem configurações que são consideradas “normais”, tudo aquilo que foge a esse modelo, em contrapartida, passa a ser considerado como

² Famílias compostas por uma pessoa (solteiros/as, separados/as sem filhos/as, viúvos/as).

“anormal” ou, no mínimo, causa estranheza a quem o observa. Essas novas configurações acabam por não serem compreendidas ou aceitas como uma das possibilidades de existir.

6. Considerações Finais

A presente pesquisa foi idealizada para problematizar um tema, muitas vezes, percebido no cotidiano como natural no ser humano: o amor e suas manifestações. Na realização da pesquisa buscou-se abordar com respeito as diferenças nas formas de amar ou mesmo a opção por não amar.

As diferentes formas de viver o amor podem se enquadrar no que é considerado a “norma” ou não, pode ser vivenciado por casais heterossexuais, por casais homossexuais, por casais que moram em casas separadas, por adeptos do poliamor e até mesmo na opção por estar sozinho/a. A pesquisadora considera que todas essas formas de amar, e muitas outras, são formas legítimas de se relacionar com o outro e consigo mesmo/a. Assim como, são consideradas legítimas as diversas formas de se constituir e vivenciar as masculinidades e as feminilidades em distintos contextos culturais.

Várias inquietações impulsionaram esse trabalho. A principal delas foi investigar em que medida o amor romântico pode ser utilizado como mecanismo de controle social das mulheres na contemporaneidade. Dessa questão principal, irradiaram outras questões que tiveram como foco: a problematização desses possíveis mecanismos de controle sobre o feminino, a influência do amor na constituição das identidades femininas e os mecanismos de exclusão das mulheres que não se enquadram no padrão da feminilidade hegemônica.

Com relação à representação do amor, em uma concepção mais ampla, as entrevistas realizadas apontaram que o sentimento é considerado como central na vida dos/as participantes. O amor foi identificado como a base sobre a qual são construídos os demais projetos de vida, tais como: a construção de uma família, o casamento, a criação dos/as filhos/as e o exercício de uma profissão. Como um sentimento relacionado à vida

afetivo-sexual propriamente dita, o amor foi relacionado ao compartilhamento necessário de experiências e à cumplicidade.

Várias percepções foram possíveis a partir das falas registradas nas entrevistas que apontam para uma grande influência do amor romântico na constituição das identidades de gênero. Em primeiro lugar, o amor romântico, como projeto de vida para os/as participantes, dividiu sua importância apenas com os projetos ligados à vida profissional, o que ilustra sua centralidade na vida dos/as entrevistados/as. Outra questão importante sobre esse tema, diz respeito à percepção por parte dos/as entrevistados/as de que a sociedade, apesar de todas as mudanças, ainda espera que existam papéis definidos para o que é masculino e feminino em uma relação romântica.

Essas percepções revelam que, por haver tamanho investimento no universo amoroso e pela expectativa que o masculino/feminino ocupem determinados papéis. Possivelmente as mulheres, e não apenas elas, vão se constituindo de acordo com os modelos identitários que lhe são significativos, de acordo com seus projetos de vida e expectativas, sejam essas individuais ou sociais. Foram identificadas nos discursos dos/as participantes expectativas de construção de feminilidades relacionadas à forma de conjugalidade heterossexual, ancorada na heteronormatividade, à maternidade, e aos estereótipos de cuidadora, de fragilidade, e afetuosidade.

Foi possível identificar que no ideário dos/as participantes predomina a crença de que a vida das mulheres se organiza ao redor de alguns eventos, que podem ser resumidos em: crescer e estudar, conseguir um emprego, conhecer um homem a quem amem, casar e ter filhos/as. As formas como alguns desses eventos foram descritos (casamento e maternidade), demonstrou que são percebidos como estágios “naturais” na vida das mulheres.

Porém, cabe mencionar que a manifestação da importância da vida profissional por parte das entrevistadas revela que não foi sequer cogitado por nenhuma das participantes desenvolver um projeto de vida que envolvesse apenas casamento, família ou filhos. A importância do projeto profissional na vida das mulheres também foi vista com naturalidade pelos participantes. Essa postura aponta para a concretização de mudanças de comportamento que vem ocorrendo nessa conquista feminina a partir da metade do século XX. Vale ressaltar que, quando é enfatizado o caráter recente da entrada das mulheres no mercado de trabalho, refere-se a um movimento socialmente restrito às mulheres de classe média, pois, para as mulheres de camadas populares esse fato já era uma realidade (Perrot, 2007).

As entrevistas apontaram para a importância significativa que os/as participantes demonstraram atribuir ao casamento, aos/as filhos/as e, conseqüentemente, à família como instituição social basilar, principalmente no que se refere a visão tradicional de família, composta por pai, mãe e filhos/as. Essa visão desconsidera diversas outras formas de arranjos familiares, sejam esses constituídos por casais homoafetivos, com ou sem filhos, mães/pais solteiras/os ou famílias unipessoais. Nesse sentido, a “solteirice” é vista como um estágio preparatório rumo ao “destino final” das mulheres, ou seja, o casamento e a maternidade. O estágio é percebido como uma espécie de contingência e não um projeto ou opção deliberada.

Uma das grandes contribuições da presente pesquisa foi a percepção de que tanto as mulheres quanto homens, de uma forma relacional e cada um a seu modo, lidam com diferentes pressões para assumir determinados papéis. E essas pressões podem causar sofrimento psíquico por parte daqueles/as que não se identificam com esses papéis, ancorados no sistema binário de gênero e na heteronormatividade.

Vale ressaltar que, diante de uma sociedade em constante transformação, a pesquisadora entende que a compreensão por parte do/a psicólogo/a clínico/a dos fenômenos sócio-culturais característicos de seu tempo, entre esses as diversas e novas formas de amar e de existir, é indispensável para que sua atuação profissional tenha reflexos libertadores necessários. Primeiramente, na vida das pessoas a quem atende, em termos de empoderamento desses sujeitos, e em segundo lugar, na contribuição para a construção de uma sociedade verdadeiramente mais democrática.

7. Referências Bibliográficas

- Ariès, P. (1978). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bourdieu, P. (2014). *A dominação masculina* (12a ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Barbosa, R. C. (2007). *Gênero e antiguidade: representações e discursos*. Acesso em 10 de setembro de 2012, disponível em História Revista - Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFG: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/5474/4456>.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Birman, J. (2003). *Mal-estar na atualidade* (4. ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cardella, B. H. P. (1994). *O amor na relação terapêutica: uma visão gestáltica*. São Paulo: Summus.
- Collins, H., & Pinch, T. (2003). *O golem: o que você deveria saber sobre ciência*. Unesp.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Costa, J. F. (1999). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Del Priore, M. (2012). *História do amor no Brasil* (3a Ed.). São Paulo: Contexto.
- Ferry, L. (2012). *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Foucault, M. (1996). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Galinkin, A. L.; Zauli, A. (2011). Identidade social e alteridade. In: C. V. Torres & E. R. Neiva, *Psicologia social: principais temas e vertentes* (pp. 253-261). Porto Alegre: Artmed.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Gonçalves, E. (2007). *Vidas no singular*. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- Gonçalves, E. (2009). Nem só nem mal acompanhada: reinterpretação a “solidão” das “solteiras” na contemporaneidade. *Horizontes Antropológicos*, 189-216.
- González Rey, F. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learnig.
- Gould, S. J. (1999). *A falsa medida do homem* (2. ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Haddad, G. (2009). *Amor e fidelidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hall, S. (2001). *A identidade cultural na pós-modernidade* (5. Ed.). Rio de Janeiro: DP&A.
- Heilborn, M. L. (2004). *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – Ipea. (2014). *Tolerância social à violência contra as mulheres*. Acesso em 13 de maio de 2014, disponível em: http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf
- Marconi, M. de A. & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5. ed.). São Paulo: Atlas.
- Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Laraia, R. B. (2006). *Cultura: um conceito antropológico* (19 ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Le Breton, D. (2007). *A sociologia do corpo*. Petrópolis - RJ: Vozes.

- Lins, R. N. (2012a). *O livro do amor: da pré-história à renascença* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Editora Best Seller.
- Lins, R. N. (2012b). *O livro do amor: da pré-história à renascença* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Editora Best Seller.
- Lobato, J. F. (2012). *Antropologia do amor: do oriente ao ocidente*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Louro, G. L. (2000). Pedagogias da sexualidade. Em G. L. Louro, *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 7-34). Belo Horizonte: Autêntica.
- Louro, G. L. (2013). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (15a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Machado, R. (1979). Por uma genealogia do poder. In: M. Foucault, *Microfísica do poder* (pp. VII-XXIII). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Madureira, A. F., & Branco, A. U. (2001). A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. *Temas em Psicologia da SBP*, 9, 63-75.
- Madureira, A. F. A. (2007). *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Madureira, A. F. A. (2008). *Imagens como artefatos culturais na pesquisa sobre as bases sociais e psicológicas do preconceito: uma proposta metodológica*. Pesquisa de pós-doutorado realizada pela autora em 2008 na *Facultad de Psicología* da *Universidad Autónoma de Madrid*, na Espanha, sob a supervisão do Prof. Dr. Alberto Rosa Rivero (apoio: CAPES, Brasil).

- Madureira, A. F. A. (2010). Gênero, sexualidade e processos identitários na sociedade brasileira: tradição e modernidade em conflito. In A. L. Galinkin & C. Santos (Orgs.), *Gênero e Psicologia Social: interfaces* (pp. 31-63). Brasília: Tecnopólik.
- Martins, L. C.; Branco, A. U. (2001). Desenvolvimento moral: considerações teóricas a partir de uma abordagem sociocultural construtivista. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (pp. 169-176). Vol. 17, nº 2. Acesso em: 13 de maio de 2014, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v17n2/7877.pdf>
- May, S. (2012). *Amor: uma história*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Minayo, M. C. (2004). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: S. F. Deslandes, O. Cruz Neto, M. C. Minayo, & R. Gomes, *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Neves, A. S. (2007). As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"? In: *Estudos Feministas*, 609-626.
- Oliveira, M. C. S. L. & Madureira, A. F. A. (2014). Gênero e psicologia do desenvolvimento: quando a ciência é utilizada como força normatizadora das identidades de gênero. In: *Estudos Feministas*. Disponível em: <http://www.tanianavarrosain.com.br/labrys/labrys26/psy/maria%20claudia.htm>
- Parker, R. (2001). *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo* (4a. ed.). São Paulo: Best Seller.
- Perrot, M. (2007). *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto.
- Precht, R. D. (2012). *Amor: um sentimento desordenado*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- Rougemont, D. de. (2003). *História do amor no Ocidente* (2. ed.). Rio de Janeiro: Ediouro.

- Sabat, R. (2001). Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Estudos Feministas*, 9, pp. 9-21. Fonte: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>
- Silva, T. T. (2000). A produção social da identidade e da diferença. In: T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 73-102). Petrópolis: Vozes.
- Solé, J. (1991). Os trovadores e o amor paixão. In G. Duby (Org.), *Amor e sexualidade no ocidente* (pp. 105-113) . Lisboa: Terramar.
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed.
- Vianello, M.; Caramazza, E. (2011). *Gênero, papéis sociais, espaço e poder: um novo paradigma para as ciências sociais*. São Paulo: Rocca.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: T. T. Silva, *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7-72). Petrópolis: Vozes.

ANEXOS

Anexo A – Instrumentos de Pesquisa: Música

Música: The One

Autores: Elton John, Bernie Taupin

I saw you dancin' out the ocean
Running fast along the sand
A spirit born of earth and water
Fire flying from your hands

In the instant that you love someone
In the second that the hammer hits
Reality runs up your spine
And the pieces finally fit

And all I ever needed was the one
Like freedom fields where wild horses run
When stars collide like you and I
No shadows block the sun
You're all I've ever needed
Babe, you're the one

There are caravans we follow
Drunken nights in dark hotels
When chances breathe between the silence
Where sex and love no longer gel

For each man in his time is Cain
Until he walks along the beach
And sees his future in the water
A long lost heart within his reach

And all I ever needed was the one
Like freedom feels where wild horses run
When stars collide like you and I
No shadows block the sun
You're all I've ever needed
Ooh babe, you're the one

Tradução: A pessoa certa

Eu vi você dançando na beira da praia
Correndo depressa ao longo da areia

Um espírito nascido da terra e da água
Fogo saindo de suas mãos

No instante em que você ama alguém
No segundo em que o martelo bate
A realidade sobe pela sua espinha
E as peças finalmente se encaixam

E tudo o que eu sempre precisei foi da pessoa certa
Como campos de liberdade onde os cavalos selvagens correm
Quando as estrelas colidem como eu e você
Nenhuma sombra bloqueia o sol
Você é tudo que sempre precisei
Querida você é a pessoa certa

Há caravanas que seguimos
Noites de embriaguez em hotéis escuros
Quando as chances sopram entre o silêncio
Onde o sexo e amor não mais se solidificam

Pois cada homem em seu tempo é Caim
Até que ele ande ao longo da praia
E veja seu futuro na água
Um coração há muito perdido ao seu alcance

E tudo o que eu sempre precisei foi da pessoa certa
Como campos de liberdade onde os cavalos selvagens correm
Quando as estrelas colidem como eu e você
Nenhuma sombra bloqueia o sol
Você é tudo que sempre precisei
Querida você é a pessoa certa

Anexo B – Instrumentos de Pesquisa: Roteiro de Entrevista

1. Conte-me um pouco sobre a sua história de vida.
2. Quais são os seus planos e projetos de vida? O que você quer fazer e realizar?
3. O que é felicidade para você? O que você acha que uma pessoa precisa para ser feliz? E para você o que é necessário para ser feliz?
4. O que é o amor para você?
5. Você considera o amor em geral como algo importante em sua vida ou não? Por quê? E estar envolvido com um parceiro(a) afetivo-emocionalmente é importante para você ou não? Por quê?
6. Pense na seguinte situação: uma mulher na faixa dos 50 anos de idade, não se casou, mora sozinha, não tem filhos. Descreva como você percebe a vida dessa mulher. Que impressão que ela te causa? Na sua opinião, o que ela sente?
7. Pense em outra situação: uma mulher entre os 20/25 anos de idade, solteira e mora sozinha. Como você me descreveria a vida dessa mulher? Que impressão que ela te causa? Na sua opinião, o que ela sente?
8. Por fim, pense na seguinte situação: Você chega a um barzinho e percebe uma mulher sozinha, na faixa dos 30 anos de idade, tomando alguma bebida? O que você acha que esta mulher está fazendo ali? Que impressão que ela te causa? Na sua opinião, o que ela estaria sentindo?

Questões para as mulheres:

9. O que você acha que uma mulher precisa fazer para se sentir realizada na vida? O casamento é importante para você ou não? Ter filhos e uma família é importante ou não? Por quê?
10. Como você acha que uma mulher precisa ser para conquistar um parceiro(a)/namorado(a)? Que atitudes, por parte de uma mulher, você acha importante para a manutenção de um relacionamento amoroso? E você o que faz/faria para conquistar seu parceiro(a) no dia-a-dia?
11. O que você acha que um homem espera de uma mulher em um relacionamento estável? Você acha que a sociedade ou o(a) parceiro(a) esperam que a mulher exerça papéis específicos nos seus relacionamentos ou não? Em caso positivo, quais? Você já se sentiu cobrada nesse sentido? Em caso positivo, como?
12. O que é solidão para você? Você tem medo de ficar sozinha? Estar solteira é a mesma coisa que solidão para você ou não? Por quê?

13. Gostaria de acrescentar alguma coisa?

Questões para os homens:

9. O que você acha que uma mulher precisa fazer para se sentir realizada na vida? Você entende que o casamento é importante para elas? Ter filhos e uma família é importante para as mulheres ou não? Por quê?
10. Como você acha que uma mulher precisa ser para conquistar um parceiro(a)/namorado(a)? Que atitudes você acha importante em uma mulher para a manutenção de um relacionamento amoroso? O que sua parceira(o) precisa fazer para conquistar você no dia-a-dia?
11. O que você acha que um homem espera de uma mulher em um relacionamento estável? E você o que espera? Você acha que a sociedade ou os parceiros(as) cobram que a mulher exerça papéis específicos nos seus relacionamentos amorosos ou não? Em caso positivo: quais? Em caso positivo, você já se percebeu tendo essas cobranças nos seus relacionamentos? Como?
12. O que é solidão para você? E para as mulheres, o que seria solidão? Você acha que as mulheres tem medo de ficar sozinha? Para uma mulher estar solteira é a mesma coisa que solidão ou não? E para um homem?
13. Gostaria de acrescentar alguma coisa?

Anexo C – Instrumentos de Pesquisa: Imagens Seleccionadas



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4



Imagem 5



Imagem 6



Imagem 7



Imagem 8



Imagem 9



Imagem 10



Imagem 11

Anexo D – Instrumentos de Pesquisa: Perguntas sobre as Imagens

1. O que você sente ao ver essa imagem? (Anexo C)
2. Você gosta (ou não) dessa imagem? Por quê? (Anexo C)
3. Descreva a imagem. Você gosta (ou não) dessa imagem? (Anexo C)
4. Gostaria de acrescentar alguma coisa?

Anexo E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TCLE

Amor romântico: influências na constituição da identidade feminina

Instituição dos(as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Pesquisador(a) responsável: Ana Flávia do Amaral Madureira

Pesquisador(a) assistente: Jussara Helena Fraga dos Santos

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é analisar, a partir do discurso dos/as participantes, a influência do “amor romântico” na construção da feminilidade no cotidiano.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por apresentar características socioeconômicas, de gênero e idade para alcance do objetivo da pesquisa.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder as perguntas feitas pela pesquisadora e debater sobre as imagens apresentadas durante a entrevista.
- O procedimento corresponde à realização de entrevistas individuais
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A entrevista será gravada em áudio com o consentimento do/a participante .
- A pesquisa será realizada em Brasília/DF.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui “baixo risco” que são inerentes do procedimento de de entrevista.
- Medidas preventivas durante a entrevista serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.
- Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre o espaço ocupado pelo amor romântico na construção das identidades de gênero.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser

participar.

- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio) ficará guardado sob a responsabilidade do(a) pesquisadora auxiliar Jussara Helena Fraga dos Santos com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade. Os dados e instrumentos utilizados ficarão arquivados com o(a) pesquisador(a) responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, serão apresentados apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 39661511 ou pelo e-mail comitê.bioetica@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo. Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de _____

Participante

Pesquisador(a) responsável: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira
Celular: (61)9658-7755

Pesquisador(a) auxiliar: Jussara Helena Fraga dos Santos
Celular: (61) 9666-1509

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição:

Endereço

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade:

Telefones p/contato:

Anexo F – Questionário Sociodemográfico

Nome: _____

Sexo: () Feminino () Masculino Idade: _____

Naturalidade: _____ Mora no DF desde: _____

Religião: _____

Anexo G – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Amor romântico: Influências na constituição das identidades femininas

Pesquisador: Ana Flávia do Amaral Madureira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 35625514.2.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 815.523

Data da Relatoria: 19/09/2014

Apresentação do Projeto:

O presente projeto de pesquisa corresponde a um Projeto de Monografia de Conclusão do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. A partir da psicologia sociocultural, este projeto de pesquisa, intitulado: Amor romântico: Influências na constituição das Identidades femininas, tem como objetivo geral investigar em que medida o amor romântico se configura como mecanismo de controle social da mulher na contemporaneidade. Este projeto específico envolverá a realização de entrevistas, a partir da utilização de uma metodologia qualitativa de investigação. Os/as participantes serão homens e mulheres, entre 18 e 40 anos, residentes no Distrito Federal. Serão realizadas seis entrevistas individuais semiestruturadas. Em termos metodológicos, será utilizada uma metodologia de investigação qualitativa mediante a realização de entrevistas individuais semiestruturadas com os/as participantes, de forma integrada à apresentação de diferentes imagens previamente selecionadas (fotografias e desenhos). O uso de imagens visa estimular a construção de narrativas e reflexões por parte dos/as participantes sobre as temáticas focalizadas no projeto de pesquisa em questão. Serão realizadas seis entrevistas individuais semiestruturadas. Todos/as participantes serão pessoas maiores de idade, que não fazem parte de populações vulneráveis e que serão selecionados/as via rede social da pesquisadora. Será mantido o sigilo em relação à identidade pessoal dos/as participantes e todos/as receberão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com o

Endereço: SEPN 70907 - Bloco B, sala B.110, 1º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3066-1200

Fax: (61)3066-1511

E-mail: comite.bioetica@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 015.523

modelo disponibilizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (CEP UNICEUB). Após a realização das entrevistas individuais semiestruturadas, as mesmas serão transcritas e interpretadas a partir de categorias analíticas, construídas após a transcrição das entrevistas. Tais categorias serão elaboradas a partir de temas relevantes, considerando a fundamentação teórica, os objetivos do estudo e as informações construídas na pesquisa de campo.

Objetivo da Pesquisa:

Geral: Investigar em que medida o amor romântico se configura como mecanismo de controle social da mulher na contemporaneidade, mediante a realização de entrevistas individuais semiestruturadas com a apresentação de imagens previamente selecionadas.

Específicos: 1) Identificar as relações existentes entre a concepção de amor romântico e a constituição da identidade feminina;

2) Investigar os mecanismos de controle sutis que atuam sobre a mulher envolvendo o amor romântico; e

3) Analisar os mecanismos de exclusão das mulheres que não se enquadram no padrão da feminilidade hegemônica.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos dessa pesquisa são baixos. Será realizada uma entrevista com maiores de idade.

Os benefícios estão ligados ao meio acadêmico.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem delimitada, possui relevância e bem cuidada nas questões éticas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE está bem estruturado, claro e organizado (estão presentes algumas palavras duplicadas, mas é só um cuidado de revisão de digitação, não implica em problemas éticos).

A folha de rosto foi apresentada.

O currículo da pesquisadora é compatível com a pesquisa.

Recomendações:

O CEP-UNICEUB ressalta a necessidade de atenção às diretrizes éticas nacionais quanto aos Incisos XI.1 e XI.2 da Resolução nº 466/12 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto. Tal resolução substitui a Resolução CNS n. 196/96.

Observação: Ao final da pesquisa enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de

Endereço: SEPN 70607 - Bloco B, sala B.110, 1º andar
 Bairro: Sator Universitário CEP: 70.790-075
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3066-1200 Fax: (61)3066-1511 E-mail: comite.bioetica@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 811.523

relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento. O modelo do relatório encontra-se disponível na página do UNICEUB

http://www.uniceub.br/instituicao/pesquisa/ins030_pesquisacomitebio.aspx, em Relatório de Finalização e Acompanhamento de Pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conclui-se pela aprovação da pesquisa.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado por este CEP, com parecer N° 811.523/2014, tendo sido homologado na 16ª Reunião Ordinária do CEP-UNICEUB, em 19 de setembro de 2014.

BRASÍLIA, 01 de Outubro de 2014

Assinado por:

**Marília de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador)**

Endereço: SEPN 70907 - Bloco B, sala B.110, 1º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.700-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3068-1200

Fax: (61)3068-1511

E-mail: comite.bioetica@uniceub.br